

# Definitivo, O Devir

Algumas considerações  
sobre os Tempos

Victor Mota



# 1.

Qualquer dia, hei-de sair de casa bem-vestido e perfumado. Elas, no seu desfalecer, hão-de olhar para mim e arrepender-se-ão de não me ter dado atenção. Eu também já esqueci, já não estou nesse registo e já não envido esforços para as conquistar. Passo a outras, como eles passam a outras. E, na ida para a compra do jornal e o tradicional expresso no Starbucks, duas fizeram-me olhinhos, mas um estava a trabalhar, não podia dar-me atenção. Talvez volte amanhã ou depois, antes que ela tome outro poiso. Depois, a francesa nas bilheteiras, alta, elegante, novinha, não deveria ter trinta anos, vem ter comigo e pede-me explicações. Mas, depois, como se pensássemos no „bottom“, houve um desentendimento e eu acabei por entrar no comboio do metro sem a ver. E a convicção que tenho é que, se continuo assim, habilito-me a ter o meu corpo morto maltratado. Só depois de morto é que se consegue em Portugal, não se pode gozar a vida e ser um grande escritor, talvez aconteçam mais as coisas nos EUA ou na Grã-Bretanha, mas logo são esquecidos e, por aqui, ainda vão ficando na memória...

O sujo da sanita, o pingo de maionese no lava-loiças de uma cozinha desarrumada, os pólipos de pó nos cantos do quarto, a cama que não mudo há quatro meses, o banho que não se toma por não se estar obcecado por limpeza. Espero por uma vacina, vou tomando estas notas para passar o tempo. Já lá vai o tempo das grandes obras-primas. Penso na vida que podia estar levando, não naquela que levo e donde quero sair. Isso me ajuda a levá-la melhor, com mais parcimónia e menos tensão. Apesar de estar em casa. Fumo menos, bebo menos. Não contraries o devir, é a única forma de persistir.

# 2.

Andando de um lado para o outro, ora fumando ora formando, ora sorvendo o ar ora sorvendo fumo, pensei, isto cansa e ao mesmo tempo que procurava um trabalho, arranjava motivos para continuar e, ainda em casa, pensava num tempo para mudar os lençóis da cama... E, pensava, eu, por amor às ciências sociais, à filosofia e à literatura, fazia dispôr os meus irmãos, especialmente a minha irmã, da minha vida. A minha vida, que estava exposta mesmo que não tivesse vendido mais do que cem exemplares, como que a aoferecera na internet... Porque não encontro quem tivesse feito antropologia e filosofia do quotidiano é que me encontro, num certo registo, isolado, só. Mas tenho esperança que um dia o meu verdadeiro valor, fincado neste momento presente, vai vir ao de cima. Um destes dias...

# 3.

Eu estava confortável, tinha passado dos cem livros, mas queria mais, ainda lutava por um emprego, por trabalho e ainda estava em aberto a discussão da tese, embora tivesse cada vez menos esperanças que isso acontecesse. Ainda assim, foi-me reduzida a ajuda dos meus irmãos para poder sobreviver, pelo menos em Lisboa, porque já não podia ir a Riachos, a minha mãe não deixava, porque o meu pai implicava por tudo e por nada. Nem que fosse para ajudar, eles não queriam que eu fosse. Um tudo-nada a mesma situação que o Victor. Já lá iam cinco anos da sua morte.

# 4

Estava aqui pensando: como se estava bem no Convento? Na verdade, descobri que os verdadeiros actores sociais são os habitantes do convento, os ditos conventuais. Percebi isso quando via o noticiário com os irmãos. O tumulto e a confusão de viver assoberbado de leis que justifiquem o comportamento individual e coletivo... Na verdade, na Idade Média não se vivia assim tão mal, era tudo aristolético e nunca nada chato, sabíamos com o que podíamos contar e sentia-se o pulsar do mundo. Na verdade, o homem ainda não descobriu a teoria para melhor viver em sociedade. Quere dizer, os cientistas sociais e filósofos (alguns) já descobriram, mas o homem do senso-comum, na pressa de viver, de pulsar depressa, de ir avante, ficou surdo...

# 5.

Erradamente, vê-se no antropólogo uma pessoa cinzenta, avessa aos sentimentos, ou pelo menos à sua demonstração. Chama-se logo o poeta e o escritor. Esses sim, é que percebem de sentimentos. Ou então o psicólogo. No seu trabalho de campo, o antropólogo lida com isso tudo, produz até isso tudo e faz coprar de vergonha muitos e muitas autores e autoras de best-seller, porque a mente das pessoas, quando é destravada é louca e assassina, quando não se procura boa ciência social, é o que acontece. Ela é profilática, mas nem só. O antropólogo lida especialmente com a solidão ou então, logo a seguir, o frenesi erótico. Mas, uma coisa não vai dar a outra? Esta questão é equivalente à interrogação antropológica se a arte tem função social. A escrita tem função social? Há quem diga que não, daí o seu interesse...

# 6.

Chamam-me louco. Quando for, deixo cá a loucura convosco, para que se junte à vossa, declarada ou não. Isso é que lixou a América. Porque o que eu tenho passado sem me queixar e o que tenho escrito e pesquisado corresponde a um Doutorado Honoris Causa em Antropologia e um Doutorado (regular) em Filosofia. Não peço mais, de resto nem preciso de pedir, é uma mera atribuição de sentido e uma forma de justiça. Tudo para que prossega fazendo o que sempre fiz...



# 7.

Um homem tem suas necessidades –diria eu quanto ao tabaco, álcool, já para não dizer mulheres, eu nem devia tomar nem uma nem outra coisa, pois estou ainda a medicamentos e muito me tenho aguentado eu desde há dois anos, data da última consulta. A médica mudou de local de trabalho, perdi o seu rasto e depois pediram-me noventa euros por um consulta com um tipo qualquer. Eu preciso de referências, afinal tenho OCD, sou do tipo selectivo. Há quem não goste desse tipo de personalidade. Mas também há quem goste de psicóticos criminais.

# 8.

O título do meu próxima livro bem poderia ser „Elegia para um Cigarro que não se há-de Fumar“ ou „Elegia para o Whisky que não se há-de Beber“... Dificilmente encontrarás uma tão boa pessoa que goste tanto de sexo e amor como eu...LOL

# 9.

Finalmente, concluí o meu silogismo daquele quente de verão em que fumara pouco e bebera bem pouco: estou em Lisboa não já para ser ajudado, mas para ajudar, para fazer parte. Por isso, prescindo de procurar outro lugar para mim, pelo menos nos próximos dias. Porque, ao menos, a honestidade e a sinceridade são o melhor caminho. Assim, a seguir, procurava, mais adiante, uma forma, uma fórmula de viver saudavelmente neste mundo stressante e stressado, violento a todos os títulos, em que o tipo bonzinho passava por parvo e falhado, ou seja, seria preciso ser-se agressivo, com maior ou menor índice de masculinidade, para se ser tido socialmente. Sim, procurava uma coisa parecida ao convento de franciscanos conventuais ao lado do Colégio Valsassina... Algo assim.

# 10.

A vida, a vida humana, julgo eu, enquanto antropólogo, mas sobretudo enquanto filósofo, não tem nenhum significado especial, nem sequer aquele dado por Deus, cada um apega-se ao que quer, pior é não acreditar em nada fazendo do seu corpo e alma uma evidência, uma patência, não tem significado especial senão aquele que lhe dá o Dever quando se implica no Tempo e na sua relação com o Espaço, a Medida. Deveria desenvolver isto.

# 11.

Quanto mais inspirado e produtivo, a qualidade de vida diminuiu consideravelmente. Não falo com ninguém. A não ser os meus familiares. Estranho, apesar de tudo, de ter caído mais uma vez, permaneço sereno, embora no reduto caseiro, sem grande vontade de conhecer ninguém para viver comigo neste espaço, aço, aço. Cais mais uma e outra vez, levantas-te vezes sem conta, as mesmas do que quando cais e continuas o caminho. Não percebes por que as pessoas, em geral, não te dão atenção. Talvez não estejas tão viçoso. Talvez não haja explicação, ou seja pura maldade, a deles, sabendo que pedes atenção, não ta dão, até rima. Digamos que as sociedades se distinguem pelo seu maior ou menor grau de macaquice. E, afinal, para quê tanto burbirihno por causa de um psiquiatra que escreve, que é Lobo Antunes? Parece que o povo pede maluquice e mais maluquice, eu que estive internado, digo coisas com mais sentido do que ele, mas enfim, a regra é não ter sentido, nem sei como passa na tipografia sem saltarem os caracteres para o ar...

# 12.

Não sei se importa. Se calhar não. Importa ou não. No entanto, tenho de prosseguir olhar por cima e além dos ombros e ainda que estando retido em casa, faço disso o meu mundo. Ninguém me liga, ninguém telefona. Eu ligo para a minha mãe e ela nada pode fazer contra a minha solidão. Gostaria de saber se isto vai passar. Ao mesmo tempo acomodo-me à situação, deitado de lado na cama com a TV acesa, ligada. Daqui a nada dá um jogo e eu vou ver. Recebo menos dinheiro dos meus irmãos. O meu irmão deu-me um raspanete. Tento fazer sentido, quando o coração não pode mais. Oxalá esta solidão esteja preñhe de algo grandioso. Suponho e desconfio que sim. Daqui a nada.

# 13.

Quando páro de escrever? Não sei bem, umas vezes tenho vontade outras faço-o mecanicamente. Está a acontecer-me o mesmo que aconteceu ao Victor, o pai não permite que vá à aldeia, a mão faz o que ele diz e não consigo descansar em lado nenhum. O que seria motivo de felicidade, duas localidades unidas pelo comboio, ainda que repisadas ao longo do tempo, tornou-se fonte de infelicidade e acho que a escrita adenso, agravou, a solidão. Estou como que num limbro que está dentro de uma forma especial de inferno. Mas o meu espírito persiste, sonhando com bem-estar e felicidade, procurando-a desde já onde habito, tentando estar sossegado...Devo concluir com isto que deveria ter ficado no seminário? No convento? Como, se eu não queria cumprir os votos a um Deus que agora me falha ou me aguenta para isto não ficar pior...Era agora um religioso ou um padre de uma paróquia, mas bem, faço mais ou menos o mesmo papel em Moscat, em Riachos. Só não celebro missa.

# 14.

A alma humana é um pouco como os cães, antes de se acomodarem num dado lugar dá voltas e mais voltas, até reconhecer que está bem no lugar onde está, leva tempo, porque nunca está satisfeita, quer sempre mais e o bichinho da ititerância, do nomadismo, nunca a abandona. Acho que o bem-estar, a qualidade de vida, está intrínsecamente ligada à consciência de Si, que equivale , por outra via, à consciência do Outro...O excesso de consciência de Si gera saturação, doença, enfartamento do Ego, por isso fui contando, a partir desse Sábado do jogo da Republica Checa com a Dinamarca, os minutos até voltar a Riachos. Mesmo que o meu pai me voltasse a insultar, porque de alguma maneira estava numa situação análoga à do meu ido amigo Victor, mas também tinha a solução de como escapar a isso, ao marasmo e alguns amigos de Riachos e ao acontecimento e falta de amigos de Lisboa. Ou seja, escapar à solidão...



# 15.

E pensava: „estaria realmente ali?“ Não estaria o meu espírito algures em outros lugares, conhecidos, desconhecidos, desejados e desejantes? Dizem que não há fome que não dê em fartura, mas eu não consigo entrar num registo de senso-comum, de deixa andar, estou sempre investindo na carreira literária, o que exige grande disponibilidade de tempo. E, obviamente, se me tenho dedicado a tempo inteiro a esta actividade é porque não sobre tempo para ter um emprego regular, comum, normal. Mas, por vezes, penso em desistir de tudo e se não ostasse desta casa POR DENTRO já tinha deslargo tudo e estaria noutra lugar, no campo, dedicando-me à agricultura acompanhado de uma mulher mais ou menos dedicada. De tanto tombo que leva, o espírito aperfeiçoa-se e torna-se quase perfeito...com a idade isso é já um facto.

# 16.

Isso nada diz sobre a vida. E eu, nos meus tortuosos caminhos e pensamentos, digo algo sobre ela, de como se vai abaixo e se levanta o homem, *au-delà* do interesse, do compadrio, do rega-bofe geral. De como se é daqui sendo de acolá. Afinal, o que governa o mundo, as hormonas ou os neurónios? Tenho feito ao longo dos anos de figura de urso e patinho, o tipo bonzinho que andou no seminário, que esteve num convento, que gosta de gajas oferecidas e sexo fácil. Esse tipo acabou, de ora em diante vou defender o que é meu, ainda aqui estou, se não aconteceu vai acontecer, mais cedo ou mais tarde, não há mal que sempre dure, diz o povo e afinal, não estou revoltado com ninguém em especial senão comigo mesmo, devia e podia ter feito melhor se não confiasse tanto nos outros. No fim se verá quem tem razão, o Eu ou o Eles. O casal de escritores do outro lado do pátio nunca mais apareceu, nem tão pouco a alemã que aparecia à varanda a ler e a fumar. DO lado da frente, apareceu, num dos prédios recuperados recentemente, um jovem, que se senta à secretaria e que parece que escreve. Mas são poucas as vezes, ou não tem inspiração ou é preguiçoso. Como eu fui, em tempos... Mas, talvez a culpa não seja das pessoas, seja do Covid-19, elas andam comandadas por virusidades que desconhecem a origem e o tratamento, por isso se riem como loucas, de tão malucas que estão. Por isso os hospitais psiquiátricos estão cheios, é só gente maluca, seja pelo sexo seja talvez por maldade intrínseca e perda de Deus...

# 17.

Depois, o tipo do café que trata mal os clientes. Pelo menos a mim. Mais um dia em casa, apenas duas saídas para ir comprar comida e tabaco. E o jornal. O que vale é que amanhã já não estou aqui. A um tipo que andou dois anos num seminário e esteve um ano num convento, o mundo cá fora parece um lugar estranho, cruel, nas suas tricas e traições, nos seus encargos e maldades. Outra vez a vomitar. Fogo que arde dentro do peixo. Talvez devido ao tabaco e ao álcool que consumo pata combtaer a solidão, paradazer passar o tempo para que num tempo adinte encontre alguém. Ansioso para que o tempo passe, para que chegue o dia de amanhã para apanhar o comboio para Riachos. Isto é um sofrimento sem, esta solidão, esta condições, por mor de nada, inutilmente... Simplesmente ele não quer que vá lá, que eu lá apareça, criou-me inimizado e o mesmo se passa no Café Café em Riachos. Ainda bem que concluí isto...sózinho.

# 18.

„Eu só escrevo por prazer“- dizia ela, como se houvesse uma força cósmica, um mandato para tal. „Escrita é trabalho, suor, se não andas com essa diatribe na cabeça e nos sentimentos, bem podes escrever por prazer“, diria eu. Vejo um casal de jovens rindo. Dá-me inveja, cada um com seu cigarro na boca. É claro que gostaria de estar no lugar deles, afinal tenho trabalhado bastante e mereço um tempo de diversão, LOL

Quando o Parreira, o Dany e esses gajos todos, de Pombais, Lérída e até Lisboa, perceberem que, afinal, fui bem sucedido, vão ficar perturbados e que não foi tempo mal empregue a investigação que conduz à filosofia, à teoria social e à escrita literárias, mais a poesia, é isto combinado de coisa que constituem a minha produção. Se vendi? Não muito, é claro que queria ter um público fiel, visível, nada agrada mais a um escritor do que isso. Em vez de escrever para o ar ou cavar na terra, como se procurasse uma pirite, uma pepita, carvão ou volfrâmio. Por isso é que se sai todo sujo...

# 19.

Quando estou imerso na solidão e penso no meu pai, julgo que ele ainda me admira, como admirava o ti Adriano, penso no caminho percorrido enquanto antropólogo e isso orgulha-me, em Lisboa, em Riachos. Ainda mais enquanto escritor. Creio que, no fundo vai dar ao mesmo, queremos ambos melhorar o mundo em que vivemos, construir um mundo melhor e ser parte desse *amelhoramento*. Mas, no fundo, isto não leva a nada, é tudo fruto da minha mente fantasiosa. „Anda lá que já enganamos outro“ –diz a anedota.

Manu está em Paris, a mulher, Tita, está em Angola, tem praia mas está interdita, de modo que se tem de contentar com o coqueiro...

# 20.

Recuso-me a ir a Pombais e a Lérída, não sei porquê, talvez porque não me dizem nada, não sei bem quem, não sei bem porquê. Se soubesse, não estava aqui, a interrogar-me. Talvez precisasse de uma namorada de lá e fosse mais do que tempo, o tipo antipático do café, não consigo esquecer, gosto de homens? Não creio, não os procuro, eles vêm ter comigo, para quê sexualizar? Tenho as táticas de escrita que aprendi ora de Saramago ora de Lobo Antunes e, mais alguns pózinhos de criatividade, de originalidade, constituo diante dos meus olhos e dos do leitor, um estilo próprio...mistura de vários géneros, de várias formas de pensar que convivem em mim enquanto autor...

# 21.

Imagino bem o que Domingas deve ter passado. Com um apartamento em Benfica, não conhecia ninguém em Lisboa e esta cidade sabe ser cruel para ti, não faltam bocas e indiferença. Mas, depende das épocas, umas vezes (ou vagas), a voga da atenção é grande, outras não se vê mosca morta nem ninguém fala a ninguém, quando não são mal-educados e violentos uns com os outros. O policiamento destas zonas não pode fazer tudo, mas em Moscat não o há simplesmente, no bairro onde vivo... E o Domingas queria ir para a terra, onde as pessoas são mais espontâneas, mas creio que por lá, a não ser na biblioteca, a atenção é pouca e ele decerto estava numa grande solidão, apenas queria pesquisar coisas sobre vinho e reparar coisa lá de casa. Andar em paz, já tinha chatices que chegasse, pressão social por não casar (decerto que tinha namorada, digo eu que o conhecia bem), pressão dos pais, etc. Agora, eu estou no mesmo barco, o meu pai expulsou-me de casa e chateia a minha mãe e eu deixo-me estar em Lisboa, mesmo sabendo que podia estar em Riachos e que lá também não me dão grande atenção, por isso falo de Pombais e Lérida...

# 22.

„Faz-te à vida“, diz a canção. Essa para mim não colhe. Gostaria de saber quem, sem interesse, e sem ajudas, chegou tão longe quanto eu numa carreira cultural. Ainda assim, não me gabando, quero mais. Se alguém se fez à vida, fui eu, não aqueles que sempre andaram por aqui fora, por aí fora. A maior parte deles já se queimou e a minha maior vitória é estar vivo e actuante, continuando a escrever quando ninguém me diz para o fazer, apenas porque acredito nas palavras. Podia ter ficado no seminário, no convento, podia nunca ter lá estado, não foi questão de pressão social mas de interrogação profunda sobre mim mesmo e a minha vocação. Podia até voltar para lá, seria mais fácil da maneira como as coisas estão „cá fora“, gente sem princípios, todos enacvalitados uns nos outros para chegarem a algum lugar, com favores de um lado e do outro. Ainda bem que estou só. Sinto-me muito bem assim. E não faço especial esforço para ter alguém morando comigo, da maneira como estão as mulheres...



# 23.

Há gente que é promovida por falar, outra gente é internada no hospício por o fazer, mesmo que não seja violenta, por ser contrário à ordem social por falar. Para ouvir besteirada basta ligar a TV em certos canais ou andar em certas ruas de Lisboa. Mas não só de Lisboa, aí é que está o problema. Acho que o síndrome da imitação da América é mais perigoso do que o COVID... Caminho a passos seguros e calculados para uma velhice feliz, plena de realização, com o sentimento de dever cumprido no que se refere à minha existência neste mundo. Acho que cheguei muito mais longe do que alguém suporia, do que eu suporia e não estou mais ávido de realizações. A fama? Não é o mais importante, acho que sou conhecido mais por boas razões do que por más razões. Isso me deixa tranquilo, pois conheço cabalmente muitos dos mecanismos da sociedade e tarde aprendi a tornar isso, esse conhecimento, a meu favor, mas não é esse o ponto. Era inocente, saudável, mesmo fumando e bebendo. E continuo a ser, por mais bizarro e estranho possa parecer, ao mesmo tempo admirável e maravilhoso. E espero não mudar mais. Nada mais há para mudar... E, se eu puder ter uma vida mais ou menos tranquila, sossegada, plena de estímulos do mundo, coisa que me faz viver e de que preciso, porque não? Não é melhor do que estar no convento? E é Deus que me vai impedir? O meu Deus, não...

# 24.

Não sei porquê, não tinha vontade de escrever. Como se já tivesse escrito tudo. Regressava de um estado de espírito bastante sofrível, depois de uma ligação breve com uma miúda. Tinham passado duas semanas e ...nada, confinado ao apartamento de Lisboa, tive de voltar a Riachos, onde tudo fazia mais sentido. Mesmo que tivesse de estar uma hora no Entrocamento, mesmo que tivesse de pedir dinheiro emprestado aos meus irmãos, mesmo que ouvisse as ofensas da minha mãe, mesmo que ouvisse o silêncio e indiferença do meu pai. Depois, era-me complicado suster a ansiedade por não ter ninguém, e abandonava o corpo entregue e rendido à cama confiando num Deus, num Cristo, a quem havia sido fiel em tempos. Em vez da psiquiatria. Era sem dúvida mais barato e eficaz. Por vezes, o meu espírito encontrava-se extasiadamente pacificado e lá ia, através dos dias, de um lado para o outro e o meu coração como um pêndulo...O meu povo podia ter muitos defeitos, mas não se lhe podia negar o espírito caloroso, de estar por perto. Muitos diziam que os portugueses confiavam cada vez menos uns nos outros. Eu acho que não, para perceber o coração português é preciso compreender o estar longe e o estar perto, fisicamente, psiquicamente...A pouco e pouco ia deixando de ser ateu e o cristianismo, o catolicismo, o báhá'i, fazia sentido, o franciscanismo também. E tinha vontade de ir à Igreja, à missa. Sentia-me bem na Igreja...reconciliado comigo mesmo, como se vertesse invisivelmente todo o Mal que ainda me habitava e precisasse a todo o momento ser salvo, de uma doença atroz, do excesso de racionalismo...da demasiada confiança em mim mesmo...

O homem nada é sem Deus, seja Ele Mesmo ou Outro.

Poesia. Música. Antropologia. Loucura. Filosofia. De permeio, a Sociologia. A mulher. As mulheres. Pedro Abrunhosa. A fama. O café normal. Os bons e maus instintos e pensamentos. A agressividade. O cigarro. Deus. Mesmo assim, com os meus defeitos, concluí ser melhor ser humano do que muitos que encontrei pelo caminho.

"São Oito da manhã/ e eu ainda na cama/ acordo ao som do despertador"- Essa Entente

Somando tudo isto, com o passar do tempo, apesar de não desempenhar um papel social de relevo, conseguia merecer o respeito dos meus conterrâneos e contemporâneos, o que me dizia que podia continuar o que sempre fizera, escrever, ler, contar, cantar poemas. Mas, para todos esses tipos que se acahavam maiores do que eu, mesmo face à finitude sou muito melhor do que eles, por isso se torcem e contorcem na escuridão de inveja, sou bem melhor do que eles, porque compreendo melhor o fenómeno da vida, estou tanto no tempo além, parado, quanto no tempo aqui...e não preciso de exhibir isso nas paredes de uma igreja ou nos estúdios de televisão...Portugal é um bom país, mas tão bom que quanto mais esforças menos consegues, tal é a moleza e o deixa-andar.

Deito-me e já é dia. Bebi uns copos. Acordo bem disposto e vejo o meu velhote melhor. A mãe sempre resmungona. O acto criativo como instrumento de transformação e mudança social. Um dos meus trabalhos na casa dos velhotes é tirar as teias de aranha que andam escondidas pelos cantos. O gato deitou-se à janela, do lado de fora do escritório. O tempo está quente, o dia calmo. O pessoal da Sandrina não veio, mas o Rafa ficou por cá. O pai anda mais bem disposto e activo. Creio que ambos gostariam de viver o mais possível e eu creio que ainda viverão uns bons anos. Oxalá eu também, tal como os meus cunhados e meus irmãos. Todos somos humanos, todos temos falências. E se o próprio Deus não é perfeito, poderemos ser nós. Aliás, a perfeição radica numa espécie de imperfeição. Logo, todo o resto é perfeito (quando faz sentido) Um dos segredos da vida é poder fazer sentido, mas também aguentar um tempo, uns momentos, quando as coisa são bizarras, caóticas, imperfeitas. A semente da perfeição inenrente à divindade, está, então, plantada em cada homem e el orienta a sua conduta segundo essa semente, esse modo de pensar. O meu pai vai partir um dia destes e eu sem grande pena, pois em todo este tempo pouco ou nada me ajudou. A minha mãe também, estou um pouco zangada com ela pois só me trata mal. De modo que não vou ter grande pena. Nós temos consideração sobre que nos ajuda e gosta de nós. E eu por vezes sinto que sou o mais odiado dos filhos, embora seja o mais dedicado deles. As pessoas parecem estátuas; podem estar umas perto das outras mas não se comunicam.

Por outro lado, comunicam demasiado pela internet. Deve ter sido o Covid, ou o Covid revelou o pior que há nas pessoas, a desconfiança umas das outras, à mistura de medo, a falta de solidariedade umas com as outras. Por exemplo, em Riachos não há a mínima actividade recreativa e cultural, enquanto em Moscat o centro cultural está fechado já lá vai longos meses. E se as pessoas, os políticos locais, não têm iniciativa nenhuma, sou eu que vou mexer as coisas? Eles não querem saber de mim para nada, o que eu penso ou deixo de pensar!...Procuro ter calma, não entrar em desespero e com muita paciência lá consigo ir através dos dias. O que me ocupa por enquanto é o Conflito das Faculdades... Depois, as bocas do meu pai, que só me geram mau estar. Não é capaz de uma palavra de alento, de compreensão. Para ele, mesmo depois do que passei, deveria estar trabalhando nas obras, quando ele nada tem ajudado, por isso não tem o direito de criticar. A situação é a mesma da Lily, a mesma do Victor. Por isso, só fico mais uma noite, rumo para Lisboa amanhã. Uma pessoa que não sabe o que é um texto, uma pessoa que na vida fez tudo a pontapé. "É só vida boa"-diz ele. E a minha irmã, tenho pena, também pensa um pouco assim, tal como a minha irmã e o meu irmão. Muita razão de queixa tenho eu desta sociedade, mas tenho tentado ser positivo, mas por mais que faça ninguém se parece interessar por mim, especialmente as mulheres. E nunca tive uma companheira fiel e confidente, a que me pudesse segurar, amparar, nas hoas mais difíceis e complicadas. Depois, deixei um lastro de merda na sanita de propósito lembrando os tempos do jornal em Pombais. Muita gente ainda desconhece que fiz o doutoramento mas lembra-se dos tempos em que escrevia crónicas no Correio de Pombais e no Eco de Pombais.

A pouco e pouco amadureço, mesmo ouvindo as bocas do meu pai e calo-me, sabendo deslindar-me de certas situações e mesmo críticas dos meus conterrâneos riachenses. Aprendo a ser duro comigo mesmo como se fosse um bonsai que resiste a todos os elementos e, talvez por isso, acaba por singrar.

Dizia o Pisco, "Vai trabalhar!" E eu interpretaria e responderia, "o trabalho é a minha escrita", mas não disse "Vou apanhar o comboio para Lisboa que aqui tou farto de pregar e ninguém me ouve". Ainda há muito a noção e a América tem muito culpa nisso, de que o trabalho tem de ser manual, tipo fábrica, tens de estar ali a bater por letras adstrito a um determinado lugar. Felizmente, os comunistas dão o mesmo valor ao

trabalho mental, a direita, muito mais no cavaquistão, não tem mentalidade pensadora... nem tão pouco o hábito de refletir, mais o Chega e a Iniciativa Liberal...

Depois, peguei em *Eminência do Olhar*, uma obra de poesia dos tempos do jornal de Pombais, *O Correio de Pombais*, como se não tivesse mais inspiração para continuar *Definitivo*, o *Devir*, ou estivesse derrapando num registo demasiado autobiográfico e solipsista.

Depois, pensei: se tens tanta obra escrita, não embatuques, publica-a! E assim fui considerando a hipótese de a espalhar, mais do que estava espalhada, de a traduzir a várias línguas, trabalho de editor que ia fazendo a meu fazer. Entretanto, arranjei um emprego na Comissão Europeia.

Via o meu pai como um ditador, como muitos homens da sua geração e da geração depois dele. Machões, sem sentimentos, no seu dogmatismo não punham nada em causa. E o pior é que a minha mãe tinha medo dele, era machista, como muitas mulheres da sua geração, vivia por ele, sufocado o seu Ego e não conseguia libertar-se. Ambos se viravam na sua ira contra mim, enquanto os meus irmãos eram os queridos. Estava farto daquilo, de gente burra a quem havia dado demais, demasiado crédito. Ansiava por voltar a Lisboa, mesmo que não houvesse lá nada de especial à minha espera. Mas sem dúvida que era bem mais do que tinha em Riachos, onde tinha de adorar um senhor que nem me ajudava em nada. Muitas famílias eram assim, ou pior. Muitos apenas queriam trabalhar para se destacarem uns dos outros. Não haviam reflectido sobre nada, sobre coisas importantes que a antropologia, a filosofia, colocam, apenas viviam no imedito, no tempo presente, sem qualquer simpatia com o próximo que não fosse interesseira. Era este o país que tínhamos. Seres baixos, ridículos, circenses. Depois, percebi que o meu pai me tinha ódio, por mais coisas que eu fizesse, provasse, não cabiam no registo dele, que era o da vida prática, não havia volta a dar, era gente que nunca sequer havia lido um livro. E eu estava no meio disto, enquanto os académicos faziam as suas parangonas e voltinhas no átrio sem darem importância à importância que eu dava ao mundo, estando desligados de tudo e todos, envoltos numa parcela da sua semi-imaginação.

Cena estúpida. E ele virava-se contra mim, dizia que devir ir trabalhar. Depois do que eu passei. E eu que trabalhava, só que ele não sabia porque não sabia ler...Isto é que era

um pai? É um monstro, um burro, um ditador...Mas há muitos assim pelo país e até lá fora, a começar na América, que dificultam ao máximo a vida aos filhos, sem saberem uma letra do tamanho de um comboio. E tempo não lhes falta...

Só de tentar que ele fale fico mal-disposto. Burro, praticamente ignorou o filho em toda a sua vida. Se morrer não me faz falta, nem rezo por ele. E a minha mãe também, prefere o marido ao filho. Esta é raiz, o retrato, de muitas famílias portuguesas. E os media promovem tudo isso para espetáculo, para se ver. Por vezes, em Portugal, sabia bem ser-se intelectual, mas outras vezes parecia ser necessário pagar imposto, as pessoas eram pouco alfabetizadas, tinham pouca noção da contingência, da sua contingência, a não ser pela Igreja e a maior parte do tempo estavam em festa e a TV promovia isso, essa irresponsabilidade existencial, as pessoas tinha pouco cuidado com si e com os outros, e absuavam das relações sexuais, como se isso fosse o mais importante da vida e não um complemento, uma cereja no topo do bolo. Em todo o caso, parecia que por vezes Portugal era Portugal. E isso entristecia-me. Porque as pessoas, lá no fim, acabavam sózinhas ou num lar enquanto os filhos estavam em França ou na Suíça. Iriam, dentro de alguns anos, acabar abandonados num lar. E eu tinha de cuidar de mim...às vezes apetecia-me mais estar com Maria Desfigurada do que com esta gente que nada tinha na cabeça, incluindo os mais novos, os garotos. Eu sentia que fizera mais por Riachos do que qualquer um dos seus habitantes, incluindo Presidente da Junta. Mas nada ganhava com isso a não ser prestígio, bocas, indiferença. Tudo num saco só. E meu pensamento virava-se para Lisboa, ainda que ela pouco ou nada me havia nado, porque eu estava sempre em switch para perceber alguma coisa e não tinha confidente nem nada...

O que era mais admirável em mim não era a doença, era o facto de, depois de tantos anos de doença e sofrimento, me ter conseguido levantar, cá como na França e me ter erigido como um grande intelectuail, num *twist* que pouco terão feito, pois teriam ido procurar o trabalho manual para se voltarem a realizar, enquanto eu fui pela via mental, sentimental, intelectual e me ter afirmado como um dos intelectuais da moda naqueles tempos do virar do século XXI...

A expressão "vai trabalhar" pode ser válida em certos contextos, em certas profissões, em certas actividades, mas é complicado em contextos como Lisboa mesmo e sobretudo depois de se ter sofrido vários internamentos. Aí, só queres viver sobrevivendo, um dia após o outro... Ainda assim, o melhor antropólogo, o maior filósofo, do país, está não dentro da academia, mas imerso no mundo real, onde se sente finalmente bem...

No fundo, são bichos do mato que, vendo que se estão a acabar as pilhas, viram-se contra os seus. Assim são os meus pais. Como há muitos por aí fora. Aqui é triste, mas na França é pior, pois acabam todos malucos. Portanto, tudo depende do contexto. E o mais maluco é o Lobo Antunes. Eu andei maluco muito tempo, recuperei a força de espírito e a lucidez, creio que agora é a vez de muitos dos outros ficarem malucos, muitos deles passaram por mim e riram-se de mim. É o pagamento da natureza do social...

E que é mesmo o Dany? Apenas um ex-amigo, que preferia andar com o Colinas do que com quem lhe dizia efectivamente respeito. Esse Colinas que, paz à sua alma, apenas foi fazendo merda na vida. E eu ia, nesses dias de verão, gerando espaço no meu coração para aquela que haveria finalmente de chegar e ocupar esse espaço vazio no meu coração ansioso e aflito. Eram apocalípticos, aqueles tempos. Pelo menos para o meu mundo. Pelo menos até alguém ou alguma coisa de novo nascesse.

Uma confidente haveria, em parte, para mim, de substituir a escrita. A escrita não é o melhor interlocutor. É como um confessionário sem padre, uma casa sem gente. Um casa grande sem gente. Por isso, sem amigos que não fossem os da internete, fui desconfiando cada vez mais das pessoas e olhando retrospectivamente para aqueles, psicólogo e psiquiatras, que tive. Pouco entraram no meu goto, no meu discurso. Eram uma espécie de marionetas mecânicas. Nunca tomaram em conta que eu era antropólogo, de algum modo um colega, e que haveria de sobrevir, coisa que pouco ou nada lhes interessava, apenas queriam que eu cavasse mais e mais, fosse lá mais e mais vezes... No final do dia, à luz da telenovela, tudo se compõe.

A maior parte do tempo, eu não me importava de estar só. Aprendera a conviver com esse sentimento. Dá-me a ideia que havia casado com a solidão. Afinal era também uma forma de ser, de ter, uma mulher.

Quando estás só, esse sentimento de abandono, distorce tudo. Pior se tens uma esquizofrenia. Mas esse sentimento pode ser a tua salvação se te agarrares à vida e gostares de estar "deste ano", acreditando em ti, no futuro e, provavelmente, em Deus (Deuz)...

Ao lado dos meus dramas, um país de compadrios, corruptos, atrasado, iletrado, primitivo.



# 25.

Mais um fim de semana em Riachos. E penso noutra aldeia, noutros lugares para onde expandir o meu sentimento literário e não ficar restringido a Riachos e Lisboa. Talvez dentro de Lisboa, talvez fora de Lisboa. Tudo depende agora do orçamento. O estudo, se foi antropológico, está feito. Devo retirar-me? Fugir? Abandonar a cena? Nah! Não saio daqui tão cedo. Se a maioria das pessoas é indiferente, a outras maioria hostiliza, outra minoria chama nomes e faz ofensas, mesmo ao pé da porta. Eu vou aguentando, gerindo tudo isso. No fundo, encontraram no antropólogo um bom bode expiatório, que não recorre à lei, à polícia, às autoridades, mesmo que leve mais porrada do que os outros. Sociabilidades mínimas, estas. E com saudades de uma terra onde as pessoas são puras e vontade de manter a minha pureza de espírito, logo, a minha sanidade...

# 26.

Depois, percebi que a coisa mais feia da sociedade não é o poder abusivo, as doenças mentais, a corrupção, a fome, percebi que a coisa mais feia que um grupo social pode fazer é tratar mal um antropólogo, porque normalmente este, como o sociólogo, está associado ao poder, normalmente ao saber poder, porque eles vêm para ajudar e, dizia Iturra, o que aconteceria se não viessem? Acaso não fica melhor uma sociedade, um grupo, depois de um trabalho de campo? Eu não fiz trabalho de campo institucional em Moscat, mas fiz porque aí vivia e por acaso era antropólogo, faz parte do meu sangue, sempre quis ser e fui, por isso vivo feliz e realizado, realizei os meus sonhos aos 25 anos e o que aconteceu depois, a filosofia, a tese, os inúmeros escritos, foi um acréscimo, um desenvolvimento...

# 27.

Eu pensava todas estas coisas, fazia trabalho de académico, enquanto pesquisador independente, e nada recebia, estava aflito das finanças, dependente da ajuda do meu irmão e da minha irmã, que estavam sempre a puxar-me as orelhas. Enquanto isso, o silêncio dos meus pares, fossem filósofos, antropólogos, sociólogos, era atroz. Sentia a raiva e o ódio das pessoas à medida que passavam por mim na rua. Mas eu sabia que estava a singrar, que talvez pela primeira vez na vida conseguira chegar quase ao topo da pirâmide social. Não era isso que eu queria? Como todos querem? Porque a solidão faz-nos ambiciosos, como que para ter a solicitude de alguém...

# 28.

Talvez não estivesse a ver bem a cultura portuguesa, a partir de Lisboa. Talvez tivesse uma ótica errada quanto a Lisboa enquanto destino de campo mais ou menos fatídico... Talvez desse demais quando era preciso recuar, ceder, comprometer-se...

Por isso eu digo: „Ergue-te do peão que és e mostra as tuas garras!“

# 29.

Podia lamentar-me, dizendo que havia sido vítimas de injustiça por parte de várias faculdades, eis o conflito das faculdades, mas não, não sei porquê, talvez por causa de Deus, continuava tentando apesar disso, online e offline, a maior parte do tempo só... E o Conflito das Faculdades continuava em mim, por vezes tinha vontade de insultar os reitores dessas faculdades, ex-colegas, ex-professores. Mas não o fazia, porque, no fundo, talvez fosse eu o culpado da minha situação, de maior ou menor abandono. Mas não tinha problemas nenhuns em aparecer por lá, vergonha, medo, coisas do género, antes pelo contrário... Acho até que havia dado a volta a eles todos, não apenas os tipos do ISCTE, os que ganhavam para produzir teoria e filosofia, mas os das outras faculdades. Havia corrido por fora, na pista nove, e havia vencido...

# 30.

Estava em casa e pensei, „é o meu mundo“. Mas o mundo estava lá fora e eu nem sequer tinha tirado o passe, pensava nas miúdas das faculdades, miúdas com nível, professoras com quem poderia entabular diálogo e quem sabe algo mais. O meu projeto de universidade estava parado por falta de financiamento, mas de quando em vez reativava-o online. No fundo, eu era concorrente das prostitutas, agora que tinha deixado de as frequentar. Eu dava esperanças a mulheres que ora não tinha estudos ora não tinham auto-estima e isso retirava-a da vida ou impedia que elas lá fossem parar...

# 31.

Telefonava à minha velhota e falava com ela, que me animava e eu animava-a a ela, que teria sucesso um dia e seria mais importante para a sociedade do que sou agora, entre os meus sucessos e insucessos, solidão e companhia. Não desistira de lutar, talvez por isso ainda me mantinha mais tempo em Lisboa do que em Riachos. Na rua, passavam miúdas boas, mesmo boas, como diz o sketch dos Gato Fedorento e eu pensei, „nunca vou ter uma mulher daquelas“ e, pensava novamente, „o meu objetivo era ter uma mulher daquelas“, como a da ourivesaria da esquena adjacente à loja do indiano, que rosnou para mim quando passei por ela, mas nunca me atirei a ela. É mesmo boa.

# 32.

„Faz de conta que estás a passar umas férias“- dizia-me a Voz Detrás da Orelha. E eu acalmava um pouco e esperava que a Imaginação chegasse ao meu ouvido e logo ao meu Ego. O tempo passava e eu ia a cavalo nele, pensava na tipa da ourivesaria e via bem que não era o meu tipo de mulher, a não ser para passear e levar para a cama. Mas mesmo para passear não seria...

Para uns, a panaceia da depressão e das doenças mentais é a bebida, para outros a comida, para outros ainda é o sexo. Depois, lá mais à frente, olham para trás e pensam, „o que eu poderia ter sido e não fui“. Talvez te tivesse faltado reflexão, amigo. E passar mal, pois enriqueceste para mostrar à sociedade que eras importante por ter dinheiro e um belo carro, uma mulher que ostentas como se fosse um troféu, um emprego que te dá prestígio social. Por isso, no fim da jornada, olhas para trás e pensas, ainda numa réstia de bom-senso e humildade: „Não fiz nada de valor“. Mas muitos continuam a desdita e nem sequer olham para trás, tal é a grossura do traço que deixaram. Mais, perpetuam esse modo de vida aos seus, sendo que a coisa se vai transmitindo de geração em geração, muitas vezes porque têm vergonha de sofrer em público. Mas o resto da sociedade é mais culpado do que eles, nessa vaga de consumismo, ele são na maioria dos casos, peões, que se riem do filósofo na rua e fazem troça deles, para beneficiarem em termos de prestígio. Eu digo mais: a partir do momento em que o filósofo deixa de ser troçado, quando ocupa lugares de relevo na sociedade, a sua tarefa deixa de fazer sentido...



# 33.

Evitava um amigo de São Tomé, já tinha problemas que chegasse. No dia anterior, jurei não me meter mais no Benfica, pois insultaram-me quando passava frente à esquadra da PSP onde tinha estado preso, poucos dias antes, o presidente do meu clube. Ouvi a boca, nem sei se de um polícia se de um tipo qualquer, estava lá vários como que de assembleia e como de costume, nada disse, mas jurei também não voltar a ser simpático com polícias. Eles não me compreendiam e eu, por mais que tentass,e não os compreendia a eles. Ou talvez por os compreender nada queria com ele...

# 34.

Mas bom, sou como todos. Quando se tem estômago cheio e algum dinheiro, consideramos, avaliamos que as coisas correm sempre pelo melhor. O mundo e a realidade social tornaram-se tão voláteis que se erigiu o dinheiro como único critério de bem-estar? Se está mal? Talvez esteja, do ponto de vista moral, talvez não esteja. Isso não me mete confusão, mas sim a falta de reflexão das pessoas, não pegam num livro, parece que estão ora adormecidas, ora hipnotizadas, como dizia Desidério Murcho na RTPN ontem...

# 35.

Depois, digo para mim mesmo: „Tá bem, este tipo está reformado por invalidez. Mas este mesmo tipo trabalhou, foi o tipo que fez a primeira Antropologia Filosófica em Portugal, o tipo que fez uma tese notável, ao ponto de ser polémica, ao ponto de não ser particularmente acarinhada talvez por rasgar muitos horizontes nas ciências sociais e humanas“ E digo ainda: „Este mesmo tipo escreveu mais de cem livros, de entre vários géneros, das ciências sociais à filosofia, do cinema à poesia“ E isso não é válido? –digo agora. Isso não é trabalho? Afinal o que é trabalho? Ele produziu arte e mais alguma coisa quando muito se enveredaram por negócios e corrupção. Ele produziu algo de etéreo, eterno, mas não que ser eterno, talvez nem sequer famoso, porque sabe aquilatar que o valor da vida está no efémero. Definitivo, o devir.

# 36.

Tinha tanto tempo pela frente que decidi deitar-me e deixar um apágina em branco.

37.

(Página em branco)

# 38.

A memória do amor dos meus, de onde eles vêm, para onde vão, não sei, mas faz-me ser melhor pessoa a até defender a família, valor que prezo, faz-me sentir importante mas sem vaidade, ciente mas não obcecado. Assim, durmo descansado e prevejo ser feliz. A América foi uma moda. Apesar de, por um lado, as coisas não estarem bem, no sentido de não estarem completas, eu prefiro ficar por aqui. A América foi para mim uma moda, uma influencia. Mas não mais. Tenho por cá muito quem goste de mim, em Riachos e Lisboa, por mais que a doença queira fazer crer que não. E alguns dos outros. Tenho coisas para gerir e fazer o que o Domingas queria fazer: dedicar-se a projetos pessoais. Podem dizer „não queres trabalhar“, pois que digam, não me importo, já fiz bastantes coisas (boas) nesta vida. E quero continuar a fazer. De uma maneira ou de outra. E a perseguir a realização dos meus maiores ideiais, da maioria deles...

# 39.

A fixidez, chamam-lhe obsessão, fixação, é só uma forma de existir, de perceber a realização de qualquer filme-objecto onde há lugar a uma mão manchada, porque lhe chamas líquido seminal e afinal não conta assim tanto, ou por outro lado conta, pois pensas em ter filhos. Ainda. Depois de tudo. Do fundo da minha solidão, sem sexo nem nexo, consigo ver melhor o mundo do que muitos políticos, professores catedráticos, cardeais, escritores com obra consagrada. Conisgo relativizar os meus sentimentos e ir adiante, muito além das cem obras, sem que te desses uma palmadinha nas costas, um olhar ou esgar de incentivo, apenas se admirassem com o que tens feito e que afinal não tens problema em colocá-lo ao dispôr do público, descobertas sentimentais, experimentais, académicas, literárias, mediáticas, ainda que não tenhas ido à TV, nem é preciso, pois a banalidade abunda por lá, indiferentemente do canal seleccionado.

# 40.

Desidério Murcho. Desilusão na TV. No tempo em que vivemos, em pleno Covid e outros problemas, os acadêmicos de antropologia, sociologia, filosofia, nega-se a ir à TV. Talvez porque estejam como conventuais enfronhados na sua quinta e não se preocupem com o mundo real, esse cujo Devir é Definitivo...



# 41.

Arranja-se sempre alguma coisa. Dentro do possível, constrói-se o impossível, o infinito, quando vês que tens mérito, obra escrita, reflexão, au-delá dos movimentos e grupos sociais, capelinhas académicas, e as coisa simplesmente não fundem, seja pela ausência da providência seja por um ineficaz livre-arbítrio...

# 42.

Queria estar em Riachos, ao pé da minha mãe e do meu pai, sempre resmungão. Acatar, pois de uma maneira ou de outra sou aquele que segue sob o signo da interrogação e tem para si mesmo como Definitivo o Tempo da relação, da equação, do algoritmo, entre Lisboa e Riachos via ferroviária. Sou aquele que um dia há-de dar razão, ter razão, o antropólogo, simplesmente, tal como sou e fui sendo feito na linha do tempo, com mais ou menos ardor, com mais ou menos mulheres, com mais ou menos sofrimento, psíquico ou físico. E segue a sarabanda.

# 43.

Não era só dos copos. O mundo estava maluco. Ainda bem, talvez, porque muitos povos haviam vivido oprimidos séculos e séculos e agora conheciam alguma liberdade, simplesmente pela net. Porque quando estás aflito não te apercebes do ridículo e o outro vai pegar no que disseste para mocar disso. Desafios da ética, desafios da globalização, As estúpidas universidades apenas ensinavam a respeitar, não davam qualidade de vida, ainda bem que não lá ia fazer algum tempo. Mas continuava injustiçado, face a elas, face à TV, no meu canto, procurando não me chatear contra a vassalagem e a avassaladora voragem das notícias, quem estivesse interessado verdadeiramente neles tinha muita matéria por onde pegar, enquanto muitos jovens embarcavam religiosamente nos tipos académicos que eram pior do que os religiosos, os conventuais, esses ao menos assumiam a sua solidão na comunhão com Deus...

# 44.

Mas...enfim, chegou a hora de assentar. Bem que queria ter a minha cátedra, os meus alunos. Mas tudo isso me parece encenado, desde a útil religião, tudo isso me parece suspeito, talvez eu próprio seja uma espécie de deus, que tudo questiona porque ajuda, porque compreender e afinal de contas, não se aproveita, não é interesseiro... E fica feliz ao pensar, à distância de quilómetros, no meu irmão, na minha irmã, no meus cunhado, nos meus sobrinhos, como que lhe imaginando os passos e presentindo que são tanto ou mais felizes do que eu nas suas andanças. E eu, entre o dormir a seta e o continuar a grassar, em vista a que não sei que objectivo, se a academia, se a vida joranlística, literária, *common sense*...

# 45.

Sinto-me só. E isso é culpa não inteiramente minha, mas também da sociedade, das pessoas que fui encontrando pelo caminho, que foram covardes face a mim. E logo eu, que dei tanto! Portanto, só me resta exercer algum poder e autoridade para conseguir não viver só o resto dos meus dias. Porque não mereço e pelas coisas que deixei escritas, que vão sem dúvida ajudar muita gente. Porque senão geram-se um reino de impunidade e despautério, de livre-arbítrio selvagem, onde a minha liberdade mais parece libertinagem e, sem dúvida, só me interessa ser solidário quando isso me convém em termos libidinais, logo de poder, de uma espécie de poder bastante mesquinha e limitada, quando mais valia estar numa igreja rezando, calmamente, por mim e por aqueles de quem gosto...

# 46.

É difícil explicar o valor dos livros, do pensamento, a quem nunca leu. É como, sei lá o quê, nem eu sei bem explicar, é a maior das estupidezes que pode haver, mesmo que essa pessoa tenha meios para aprender, não aprende, acha os livros como uma perda de tempo, uma mariquice, seja homem seja mulher. O certo é que a estupidez grassa, no mundo, por aí além, e também nos media, o que não é surpreendente. É a voragem da realidade? Deve o teórico submeter-se a esses dados e achar típica a estupidez? É a voragem da estupidez, como um fenómeno natural, estupidamente natural, que arrasta tudo e todo, como se fosse um vórtice de energia negativa para a sociedade, pois elide a reflexão e o pensamento crítico, que é o que de mais amplo e fenomenal o homem já conquistou...

# 47.

Lembro-me dos tempos do jornal, em Pombais, quando ia de férias da faculdades e lá encontrava o Pimpas e a Lafy, que agora estão em projetos diferentes, ele no Brasil ela em Lérida, colaborando em projetos de dimensão nacional. Saudades desses tempos em que comecei a escrever umas crónicas, mas também do Região de Lérida, para onde escrevi e publiquei as minhas primeiras crónicas e poemas. Surgiu, neste dias, o Novo Semanário, reminiscência do antigo Semanário, da altura em que O tempo já tinha dado o berro. Mantém-se o Expresso e o Sol, que comprei agora à tarde para folhear e ler um pouco. E lembrei-me da Susana Vieira, esse amor inacabado dos tempos do ISCTE, de como não posso segurar esse tempo, ao mesmo tempo tempo maravilhoso e trágico, que vivi. E de como ela podia ser minha mulher hoje e eu ainda ando às aranhas. E de como o pessoas se dispersou por ser desligado de tudo e todos, em nome das sociedades e culturas...

# 48.

E vais aguentado, um dia após o outro; quando os outros vivem no momento, cheio de dinheiro ou então são toxicodependentes e doentes da bola, tu vives pobre a feliz, mesmo que não tenhas uma amada contigo. E vais aguentando, pacificamente, o balão vai enchendo, enchendo, até que rebentas e comesças a fazer coisas, não para estragar o que já fizeste, mas para complementar, completar. Mesmo assim, a tua irmã ostraciza-te, como muitos fazem, em Riachos e em Lisboa. Mesmo online, só os desconhecidos se lembra de ti. Será este o caminho para a fama, o sucesso? Derrida não teve de aturar nada. Em França sou português, em Espanha português e cá sou espanhol...



# 49.

Lisboa é como uma grande aldeia. Todas as coisas se sabem, não é preciso ir à TV ou aos jornais, há um nível de comunicação, uma linguagem, que é a linguagem da rua, do povo. E aí, tudo se sabe. Mas Baudrillard saberia explicar melhor isto. Para encontrares o amor tens de ceder a muitas pressões, enquanto na aldeia basta ter um palheiro, a fantasia é muita, desde as canções das Doce até à revista Gina. Desde cedo comesças a perceber que o que te fazer viver, vibrar, persistir, são as tuas conquistas, uma atrás da outra, porque não foste feito para uma mulher só, talvez porque não sejas o protótipo do tipo caçador-recoletor...

# 50.

Depois de um tempo, deixei de estar submetido e submetendo os meus pensamentos ao Conflito das Faculdades e passei a estar separado disso, desse tema, acima, muito acima de qualquer preocupação que com elas me relacionasse... Sim, e estava demasiado só e isso custava-me bastante, a título da literatura, da ciência social. Mas não era eu que devia dar o primeiro passo, eu esperava que alguém me dissesse alguma coisa, mas não, ninguém me iria dizer nada, nem sequer a minha mãe, eu estava ficando velho e ainda assim, no meio dos meus papéis, dos meus livros, da minha música e escrita, era por vezes feliz, talvez mais feliz do que seria alguma vez no convento, mais feliz porque ainda tinha alguém e, sobretudo, tinha-me a mim mesmo...

# 51.

Afinal, estudas antropologia e filosofia como estudas teologia, ou seja, para seres melhor pessoa. É certo que Deus existe, que existe o Outro, sempre existirá, bem como a sabedoria, a interrogação. Mas procura, antes de mais, conhecer-te a ti mesmo, como dizia Sócrates, gostares de ti e assim seres melhor para ti mesmo, para os outros, para com o mundo...

# 52.

E vamos a ver. Para eu defender a tese, se houver parecer favorável à sua aprovação, teria de pagar dois mil e quinhentos euros, coisa que eu estou relutante em fazer. E, mesmo que conseguisse o doutoramento, o grau, teria de, no caso de dar aulas, obedecer aos critérios, temas e autores que a faculdade designa, não aos meus. Claro que bem gostaria de ter o doutoramento, a tese discutida. Mas, por enquanto, sou bem mais livre, tenho a minha opinião sobre os mais diversos assuntos, saio à rua quando quero, leio os jornais, aprecio o mundo e procuro comer coisas agradáveis. Com dez euros por dia consigo chegar ao céu e voltar várias vezes no mesmo dia, portanto, ser feliz.

# 53.

Sózinho, no meu apartamento, sou aquilo que nunca sonharia ser. No entanto, sou um gigante de pé de barro. Preciso do sentimento, coisa que as pessoas de Moscú não me dão. Entregam-me à solidão misturada de loucura. E eu lá vou indo, com a desculpa de que é uma grande cidade e de que ninguém se importa. Claro que se importam, à saída da porta tenho logo dois ou três inimigos, a senhora brasileira do caféem frente, o tipo do talho. Percebes que as pessoas não se importam contigo quandoe stás deprimido. Chegam a ser cruéis. No fundo, só estão dando tiros nos pés, têm baixa autoestima e não sabem que fazer com a sua vida. Por isso, raramente mudam, de localização e mentalmente, ficam sempre no mesmo lugar, eternizando-se, como marionetas do social.

# 54.

Um dia isto vai acabar, esta genialidade que ninguém reconhece, que não leva a lugar algum. Este esquecimento, serei um esquecido lembrado para todo o sempre, quando não estava previsto ser um grande homem, eu assim mesmo, na minha contingência, patologia, fui, um grande homem. Porque cavei fundo onde ninguém mais acreditava poder estar alguma coisa de válido. Disso tenho prova, os meus escritos, feitos com grande sacrifício e dedicação, insistência, trabalho. Quando outros me mandavam trabalhar e levavam suas vidas inúteis, sem questionamento...Por isso, não consigo conceber uma vida sem reflexão, sem escrita. A antropologia percebe isso, como que dotando da vida comum, do senso-comum, de uma lógica que em si mesma contém a eternidade, o modo como se deve viver. Mas eu já estou muito longe disso, vejo as coisas de outra maneira, a maior parte das pessoas é perfeitamente estúpida, vai na carneirada logo que tenha oportunidade, talvez para não sofrer da solidão de espírito e corpo...

# 55.

De resto, esperava por receber para comprar o passe e começar a sair um pouco de casa, ir até à Baixa. Telefonava todos os dias uma ou duas vezes à minha mãe, para tentar animá-la e, como eu, prosseguir o seu caminho. Mas...que caminho era esse? Eu nem sequer sabia qual o meu, quanto mais o dos outros. Estava como ela, circunscrito às redondezas da casa e nem por isso deixava de ser feliz, quando em vez. Depois do filme português, a preto e branco, com narração de Luís Lucas, estava a dar um americano sobre o resgate de um navio encalhado no meio do oceano, na costa da geórgia, com milhões em stóque, protagonizado por Jude Law, autor que eu particularmente admirava. Na linha do tempo eu prosseguia e era feliz, e tentava não dizer isso a ninguém, embora ligasse sempre aos meus. O que é que não tinha? O que é que tinha? Muito mais do que não tinha, felicidade, algum dinheiro por dia, a confiança dos meus, projectos e sonhos, uma casa. Não tinha muita coisa, há vários anos que não comprava livros ou roupa, mas lá ia, entre Riachos e Lisboa...

# 56.

"Só um louco investe em Portugal", dizia um gestor da praça. Pois, não me chamam louco? Por isso invisto em palavras, em conceitos, para extrair e para distrair, não tanto em termos económicos, porque é disso que eu acho que o povo mais precisa, *insights*. O poder da antropologia, e ao mesmo tempo a sua fraqueza, é que ela usa linguagem simples, conceitos simples, mesmo quando se debruça sobre contextos citadinos, de grande complexidade. Ela não se refugia na elaboração das palavras, na complexidade do discurso, porque o objecto de estudo lhe transmite, cruel e nuamente, como as coisas são, como se definem e interagem com o mundo. Depois, face às ofensas a que me têm votado, no comboio, na rua em Moscat, até na TV, decidi responder, se a ofensa for direta, mas quase nunca é direta, as pessoas estão loucas e é com o sexo e o dinheiro e ainda vêm mais fundos da União Europeia. Vive-se bem como nunca, apesar da pandemia.

Voltei às leituras, desta feita com Saramago, "Todos os Nomes". Encardornei uma série de livros para ler. Depois de ter decidido ser feliz, cheguei ao ponto em que não pára de saber, não páro de descobrir (coisas sobre a vida), apenas da solidão e das críticas e alguma confusão mental. Mas persisto. Tenho ao mesmo tempo grande prestígio e ainda assim as pessoas continuam a insultar, como o revisor, que disse "Professor de merda". Talvez o façam porque se sintam atingido e inferiorizados diante de mim, como aquela, que disse na estação do Oriente que "já parecia franciscano". Voltei para tr'ás, depois de passar, a pessoa ainda estava lá mas, mais uma vez, não a confrontei, porque não era uma ofensa direta. A maioria das pessoas sente-se no à-vontade de dizer tudo e mais alguma coisa sobre quem quer que seja, sobre tudo e mais alguma coisa. Nem parece que tiveram sob ditadura e que está aí o vigor da Direita, que certamente ajudava



a consertar muita coisa, muita consciência. Porque as pessoa fazem mau uso da liberdade e transformam-na em libertinagem... Mas, afinal, a mim tudo isto não me faz grande confusão, pois tolerância e paciência (de santo) é comigo....

# 57.

Depois, agora eu é que levava tudo em cima. Não bastava estar só e ainda tinha de carregar o peso dos maus sentimentos e pensamentos dos outros. Se fosse professor com vínculo institucional achava isso como fazendo parte dos ofício. Mas não era o caso. Ainda assim, sentia-me livre, feliz, por não ter a responsabilidade de outros. Mas a minha irmã não perdia tempo em insultar-me, contrariar-me, criticar-me. O meu irmão também, como se eu não fizesse as coisas bem. Tudo por dez euros por dia. A minha herança, se a chegasse a receber, não a daria a ninguém, não a poria nas mãos de ninguém, muito menos da minha irmã. Eu nunca tivera mais do que quatrocentos euros na mão, nunca tivera espaço e oportunidade para pensar, efectivamente, mais além. Por isso todos estes planos, toda esta obra. Por isso, pela experiência que tivera com os outros, não fazia grandes planos, apenas os necessários e limitava-me a ocupar o meu espaço no espaço social., sem grandes confusões, vivendo intuitivamente o quotidiano, procurando ainda assim, produzir, alimentar-me bem, fumar e beber o menos possível. Por estas e por outras razões, não achava demais nem descabido o Doutoramento em Antropologia, *Honoris Causa*, atribuído pelo ISCTE. Eu pressentia que, vivo ou morto, isso iria acontecer.

Eles poderiam pensar: "Se é tão bom, porque é que não arranja emprego" Eu diria o mesmo que Cristo replicou à expressão "Se é tão bom, se és Deus, porque não te salvas?" Nem me lembro bem do que Cristo terá respondido, mas eu respondo: "Já estou salvo há muito tempo".

No fundo, os meus não me têm amor, porque querem que eu me sinta mal. Mas não são somente eles. Querem que eu vá trabalhar depois de tudo o que fiz. E o que eu faço é deixar-me andar, como se deixou andar o Fomingas. Até aguentar. Ou não aguentar mais. O certo é que, por mais dificuldades que eu tinha com uma doença crónica e uma depressão mal curada, sentia que não conseguia trabalhar. Então, comecei a pensar num trabalho que eu pudesse fazer, comecei a procurar na internet, para vencer a malapata

que eu não conseguia fazer dinheiro e era para muitos uma pessoa, um indivíduo, não economicamente viável.

# 58.

Mas isso é mal antigo, eu não estou ao pé de gente como eu, para falar um assunto, levar a cabo uma discussão. Ando todo o tempo só e passo muito tempo em casa, o que também é explicável pela pandemia. Sim, o Senhor Ruas pegou uma espécie de síndrome do esquecimento social. Se, em tempos, aquilo que eu fazia contava, hoje pouco ou nada contava. Mas eu ainda contava comigo e esperava por ainda fazer fabulosas coisa ou escritos, entre o popular e o académico, entre a teoria e a técnica. A minha doença foi o desligamento dos meus irmãos, uma doença de crescimento, como se tivesse de ser separado deles anatomicamente colado, á força, por meios de coices, corte e incisões. Daí os pontapés no cú e todas essas coisas, a marginalidade a que fui votado em diferentes fases da minhas vida, com consequências nefastas, até mais para os outros do que pra mim, eu aguento com tudo, estou habituado a ser desprezado, faça o que fizer. Mas a minha saúde, naquelas duas semanas, mesmo a psíquica, melhorava consideravelmente. Lá apanhava a minha mãe rabugenta quando chegava a casa, o pai prester a explodir pela mínima razão, também não haveria de ter grandes saudades dele, pois me via precisando e não ajudava em nada. Não seria mal-feito que gastasse a herança em coisas sem geito... O meu pai bem queria que eu tivesse sido engenheiro ou arquitecto, mas fui mais, antropólogo e filósofo e ele, por um lado, odiava isso, mas por outro, pressentia eu, tinha orgulho por ser mais, essa interrogação contínua que cansa mas satisfaz. Memso que o mundo nos chame loucos.

# 59.

Chegado a Riachos, fui até meio do fundo da rua, a casa do Conté, ver se o armazém estava aberto, para fazer umas festas ao Christian, o cãozinho que tínhamos lá no fundo desse armazém. Vi um gatinho pequeno escapulindo-se para debaixo de um carro que ali estava e pensei, "já tenho companhia para Lisboa". E fiquei engendrando uma maneira de o apanhar, na realidade eram três, mas eu só queria um. O Simba teimava em não aparecer. Depois, cheguei a uma conclusão: nem trabalho nem escrita excessiva: leitura, muitos livros para ler, além daqueles que iria comprar um dia, quando tivesse dinheiro. Não um trabalho que a esta altura me ia ser penoso e iria escravizar. Nem a escrita desenfreada, porque não sabia da receptividade da escrita, dos livros escritos, até agora. Podia parecer que estaria regredindo, que estava a gozar com os outros. Mas não, era apenas uma opção, no caso uma forma de sobreviver com interesse pelo mundo...

# 60.

Depois, também a rádio implicava comigo. Seria por uma pontinha de ódio que sentia aos portugueses que havia conhecido nesta vida? Por aquilo que me haviam feito passar? Depois, dali a pouco, vendo que os meus pais ainda estavam acordados, pelo que não podia ir ao pc, ouvia Pedro Abrunhosa e tudo ficava amainado. E eu disse tudo, deixei pouco para dizer. Havia quem gostasse de mim e quem não gostasse, daí as críticas, as indiretas, os comentários. Defeitos do português? Não embarcava nisso, somos muito domésticos, o mundo é a nossa casa e isso enerva muitos, em à-vontade nos sentimentos, como os brasileiras, na vida em geral. E as depressões a Sul, as psicoses e sociopatias a Norte. Como é que eu, no meio das críticas e dos comentários, cheguei onde cheguei. Até me espanto, mas não vou parar. O Ronaldo marca os golos, eu cada golo é um livro. Já vou nos 104.

# 61.

Por vezes não queremos mais. Estamos saturados. Deixamo-nos cair. E estamos prostrados no chão um tempo interminável. Não se sabe por que razão, o nosso espírito começa a responder. Depois o corpo, que se ergue. Depois, começamos de novo a andar. O homem ereto é um homem digno, que caminha, pé ante pé, em direcção a qualquer coisa de nada e quanto mais deseja mais tem, quando mais quer mais tem, não tendo nada senão ele-próprio...

# 62.

O pai está danado porquê? Não percebo? Não quer morrer? Eu, quando for a minha vez, vou ser pior do que ele. Mas...vale a pena lutar contra uma coisa que é inevitável? Sim, de algum modo não morremos. Apenas partimos para outra viagem, outro lugar, quem sabe, outro caminho, outra caminhada. Mas, por outro lado, pensando melhor, acho que descobri filosoficamente o sentido da vida: o sentido da vida é chegar a velho, se se é feliz ou não, lá se vai arranjando uns pózinhos de felicidade em caminho...



# 63.

Tenho aqui, no meu Estúdio, na minha Casa de Ideias, uns livros da escritora Roldão Brites, com quem trabalhei no jornal *O Correio de Pombais*. Encardernei-os e ainda assim me parecem um objeto estranho, mas tenho leitura a té vir a mulher da fava. Penso na franco-marroquina novinha com quem me estou a corresponder. Talvez possa vir até Lisboa e fazer vida comigo. Nunca se sabe. Tenho de encontrar o favorecer condições para que tal aconteça. Depois, pensei, talvez pudesse voltar à FCSH. Mesmo que custasse, mesmo que ouvisse bocas. Registrar-me-ia no Doutoramento e pediria uma bolsa. Talvez tivesse necessidade de retocar a tese ou fazer uma nova. Fiquei pensando nisso. Na vida intelectual, há que saber correr o risco da infelicidade, do desencanto, para ser-se feliz mais adiante...

# 64.

Os mestrados em ensino não se realizam este ano. Para o doutoramento precisaria de bolsa, mesmo tendo já a tese escrita e de algum modo divulgada, mas isso é o menos importante. Parece que tudo corre mal. Parece que tem de ser assim para mim, tudo difícil, seja por não ter amigos seja por não ter dinheiro. E eu deixo-me andar na onda, pois "Se não está bem deixa-te andar a navegar", como diz a canção. Mas tudo bem, eu continuo, ler, ler prá frente. Algo há-de aparecer, agora que voltei a ter fé, há que ter fé.

# 65.

Dizem que estou louco. Dá-me vontade de rir, não sei se deva investir na filosofia que faz homens loucos e na escrita, na investigação metafísica se deva ficar pelo popular, que pode ser em certos termos bastante pobre concetualmente. Estou na fronteira entre os dois registos e assim, deverá ser a médio prazo, pois não tenho meios para fazer discutir esta tese. É nestes momentos que se revelam os campeões, sobretudo se nada fizerem face às críticas e vozes reprovatórias, se se mantiverem passivos face aos adversários e sempre ardentes no trabalho, no fito que têm para a vida. E eu continuo, no fio da vida, no fio de Ariadne, colocando uns livros de lado para ler e enfrentando a besta da inteletualidade pelos cornos. Pelo cosmos.

# 66.

Depois, descobri um estratagema para vencer o OCD, ou TOC ou POC: andar sempre com uma moeda na mão e quando as obsessões apertarem, pegar na moeda e ler o que está no reverso, imaginar, deixar livre o pensamento e os fantasmas. A face principal é a cara, o reverso das obsessões é a coroa. Acariciar a moeda e lançá-la ao ar, se sair cara continuar, as obsessões continuarão, apanhar a moeda do chão. Se sair coroa, imaginar o reverso das obsessões, que é o pensamento livre de impedimentos, como se estivesse sob o efeito de uma droga e sem ressaca. Resulta, eu sigo este método que inventei, porque geralmente onde há merda há dinheiro, diz o povo e isto refere-se em realção a várias obsessões, mas sobretudo àquela que envolve merda e **excreta**.

# 67.

O outro meco da estação pediu respeitinho. Dê-se ao respeito. Os tipos da CP estão na mama e ainda se divertem. Pensam que são grande coisa e nem uma palavra de inglês sabem, têm quase todos o nono ano e não sabem articular formuladamente um conceito. São básicos. Fizem pela vida. Também eu fiz, mais do que eles, se quis ter uma educação em condições tive de abdicar da juventude e dos namoros com gajas e mesmo na licenciatura foi assim. Senão, talvez não a tivesse concluído. Não há pior que as gajas e o negócio das gajas, são víboras cruas com os dentes de fora e a língua viperina sempre à espreita de fazer o mal. Acreditem no que quiserem, esuqrda ou direita, é mesmo assim. Muitos não dizem estas verdades porque têm medo de ficar sós. O homem tem de se impôr, senão é capacho da mulhere. Bater, não digo, mas impor respeito, sim. Não há nada de mais divertido do que quando tentas fazer as coisas e ninguém te liga. É excitante! Desafiante!

# 68.

Parei de escrever. Impus isso a mim mesmo. Faltava-me o público, oxalá ele aparecesse em breve, mais cedo ou mais tarde. Seria tarde? Continuará a escrever se tivesse os holofotes apontados a mim? Fosse como fosse, a minha presença na sociedade e online era notória, já não me podia ignorar, sobretudo porque os miúdos gostavam de mim. Até os cães gostavam de mim. Isso fazia-me sentir bem e eu continuava. Continuava pensando. E desliguei o computador. Mesmo que não conseguisse dormir. Era 2:52 no relógio do computador e 1:34 da manhã no real. Qual das horas estava certa? Isto faz-me lembrar vagamente Oliver Sacks...

# 69.

Voltei a ligar o computador. Descobri a cura para as minhas patologias e, pelo menos, para o meu desejo-medo da morte, a minha e a dos meus. É a religião. O bom entretém e panaceia para todos os males. Depois da morte da vizinha Lucerna e de me sentir extremamente bem dentro de uma Igreja, novamente, fiquei pensando. Estudar um pouco de geologia, de teologia também. Montei uma espécie de pequeno santuário em casa e comecei a explorar os missais, as Bíblias e os livros religiosos que ainda tinha e com vontade de encomendar alguns em diversas editoras religiosas. LOL

# 70.

Filosofia, tanta filosofia. Se entrases nesse domínio bem afetivamente, mais vale não avançares um passo nessa direção. Era o que se dizia da antropologia, do trabalho de terreno. Isso é muito mais verdade quanto à investigação filosófica, se bem que a solidão faz parte e potencia o génio não só literário, mas também poético e filosófico porque a sua dinâmica interna e a da consciência interna do tempo potenciam a inspiração. É assim também nas modalidades desportivas. Chego ao ponto, de ao ouvir-me respirar, ter pena de mim próprio. Isso ajuda-me a prosseguir. Como actor social, como cientista, como escritor. Mas, por outro lado, não tenho. Sou bastante ambicioso, por um lado, por outro nada ambicioso. E sinto o impulso para a acção, que refreio pela reflexão e pelo calculismo. Mas, com a experiência, aprendemos a domar os nossos monstros, os nossos fantasmas e a agir com mais pontaria. Eu sabia que era eu. Eu sabia que ao fim de tantos anos de escrita a coisa ficava afinada...



# 71.

"Um Homem, Cristo e o Mundo". Foi o título que me ocorreu depois de sair da casa de banho. Não me faltavam títulos. Tinha uma série de títulos para possíveis obras e escritos mais ou menos antigos para compilar, incluído o monumental *Tratado da Sociedade*. Depois, decidi deixar de ser careta. Só me trazia sofrimento e não beneficiava nada. Essa insistência com a filosofia já chateava, sobre me chateava. Farto de tirar nabos da púcara, fui dormir. Passa um dia, melhor, uma noite, vou ao café eu vejo Mané e o Gaetano, o Ferrara e outros mais, passo pela Ceguita e troco umas palavras com ela, vai acompanhada da irmã mais novo, isto não é preciso muita *acuracy* etnográfica.

# 72.

Depois, fui à loja de Hípias, o vocalista dos Mood, um grupo quase nacional dos idos anos oitenta, tem das Doce, do Giorgio Moroder, ainda dos Beatles, dos U2, de tantos outros, até das revistas da Gina e do porno italiano. Escapei cedo a isso, ou seja, conservei-me bem e depois desgastei-me bastante a fazer por letra e outras coisas, quero dizer, outras relações esporádicas. Tive duas três namoradas a séria e hoje, se tivesse dinheiro, casava-me, se não fosse com uma portuguesa, seria com uma franco-argelina. Mas, pronto, não posso aguentar tudo, por isso vou fazendo as minhas opções, mesmo sem grande dinheiro e sem carro. Sinto-me feliz no comboio, na viagem entre Riachos e Lisboa. Podia estar fazendo outra coisa, estar noutro lugar, mas não vou fugir nem mudar de cenário nem mais nem menos. Fica assim, por enquanto não está mal.

# 73.

Brigída parece ter deixado o café. Fico pensando no que lhe terá acontecido, se está bem. Porra! E, quanto a mim, posso perguntar-me "Porque continuei sem cessar?" Porque não parei, para me gabar num café ou deitar-me numa estância neste caminho a Compostela? Não sei, talvez não tivesse outra saída e tivesse de dizer o que efectivamente disse...

E ali estava eu, mais um dia, quase forçado a jogar-me, estatelar-me, contra ´écran em branco. Decidi levar uma impressora para que pudesse imprimir uns artigos para os rever e andar entretido com isso, isso. E, de resto, que podia eu fazer? Pedir aos outros para serem meus amigos? Andar atrás deles, quiça no carro deles, subserviente? Não tinha pé pra isso, preferia estar na Casinha do Jardim fazendo coisas mais ou menos íntimas, mais ou menos sociais e culturais. Havia que realizar.

E surge mais um título: "O homem que namorava com uma Cama".

# 74.

O OCD é a tentação de ceder, de desistir, a quase todo o instante e ter a coragem, maior do que a vida, de continuar seguindo, insistindo para a frente. Aquele que xinga o fraco é mais fraco do que ele na sua condição. Foi isto que me sucedeu. Mas nem por isso me considero fraco. Tenho, sim, momentos de fraqueza, como toda a gente. Nessa tarde de vento brando dava-me um cansaço de tudo, uma ausência de interesse pelo mundo que era interesse por outra qualquer coisa que não sei dizer. Manu já teria chegado de França, mas eu não ia aborrecê-lo. Da última vez que me vira, insultou-me, por duas vezes.

# 75.

Não podia fazer nada, este era o princípio comum da minha relação com a minhamãe. Já nem o Brady podia ir ver, ele controlava tudo. Como se pode estar diante de um pai que não dá nada por nós? EM 88, estava eu em Velatuxe. E o Raúl Iturra também, vi-o num café onde fui quando saí por minutos do convento onde estávamos. Dali a uns meses estaria no ISCTE para pertencer ao grupo dos primeiros antropólogos profissionais do nosso país. E agora só tenho vontade de dormir, não, esquecer não, quero as minhas memórias comigo, as boas e as más, porque só existem umas porque existem as outras...

# 76.

Depois, eu até entendia o meu pai. Gostava de ver-me bem, activo socialmente e não com este efeito da filosofia, adormecido, ainda que vivo, estacado no mesmo sítios dias a fio, ainda que certamente feliz. Mas mais feliz ficaria se tivesse um bom emprego, ainda que tivesse pouca saúde, um carro, uma namorada, relações. Era tudo isso, que eu de certo modo ao mesmo tempo que queria, negava. Ou não conseguia. Ser autor radical, fundamental, traz os seus problemas. E a história está cheia de casos assim, veja-se Nietzsche, por exemplo. Depois, nesse instante seguinte, peguei na moeda que estava no meu bolso e lancei-a ao ar. Coroa.

# 77.

Não podes vencer a velocidade inexorável do tempo, mas podes domesticá-lo. A minha irmã chegava com a pequena. Precisava de ouvir as crianças para perceber a simplicidade da vida, depois de momentos difíceis em Lisboa, em confinamento há quase dois anos. Quanto às mais crescidas, aquelas que me poderiam realmente interessar, desisti de procurar uma portuguesa, em certo meio, em certo sentido e tinha uma estrangeira em vista, uma francesa. Paulatinamente, com calma e paciência, ia preparando o terreno para ela vir viver comigo. Estava agora ligado à Comissão Europeia, onde podia apresentar projetos de investigação, pesquisa, culturais. E tinha uma hipótese de dar aulas num colégio. Estava mais do que preparado, pois pressentia que até aos sessenta ainda podia fazer muiota coisa.

# 78.

Sim, o fundamental que eu podia fazer seria dar aulas, ganhar algum dinheiro com isso, eventualmente fazer discutir a tese, juntando dois mil e quinhentos euros, depois concorrer a professor na universidade. Não era um objectivo de todo impossível e eu achava que tinha capacidade para lá chegar. Em Filosofia. Diziam-me "Vai-te embora", mas eu fingia que não ouvia. Isso seria um pouco difícil amigo, não tinha dinheiro para ir para outro lugar, recomeçar tudo. Ficaria, claro, pelo menos até ver, na aldeia da minha infância. Por mais estranho que fosse, estava ainda no local de terreno e isso não me metia confusão, mesmo enquanto antropólogo. Sobretudo enquanto antropólogo.



# 79.

Se eu fosse garoto mimado, queixava-me de que o meu pai não ajuda, da indiferença dele, da minha solidão e de não ter quem me entenda. Mas, há quatro anos que não vou a um médico, muitos, por menos, já estaria a fazer psicoterapia e altamente medicados, como acontece efectivamente. Lia um livro de Pedro Mexia, "Estado Civil". Muito fraco, licenciado em Direito pela Católica, quando eu saí da Católica para o ISCTE e daí para a NOVA e depois a CLÁSSICA. Estranho país, este, que deixa morrer os seus melhores elementos para lhes prestar homenagem ou esquecê-los para sempre. Por isso, vou gozar a vida. Mesmo que esteja a penas por mim ou por alguns, consigo tornar mais leve a minha jornada, se usar o truque da moeda ao ar, mesmo à depressão do início da noite.

# 80.

Depois, pensei: podia fazer o curso de psicanálise, são quatro anos, dar aulas e concetualmente continuar a estudar filosofia. Talvez escrevesse menos, mas eu não creio ir abrandar, aliás, o que eu faço não é bem literatura, é de tudo um pouco. E, lateralmente, estudo um pouco de Teologia, compro uns livros...tudo isso. Na Igreja sinto-me bem, os pensamentos são permitidos, a mente flui, vou substituir a psiquiatria (foge!...) pela religião. Nunca a deveria ter deixado (ao desbarato). E para quê mudar de aldeia? Estou muito bem aqui, tenho aqui, em Riachos, as minhas referências, não é por ser antropólogo que mudaria, sobretudo porque não tenho efectivamente filiação institucional ao nível da antropologia. E, de resto, não me interessa fazer mais trabalho de campo. Deixem-me estar sossegado. Deixem-me trabalhar. Deixem-me viver.

# 81.

De certo modo, já é tarde para mim. Mas eu continuo a puxar, continuo a lutar. Apenas me falta devido e verdadeiro reconhecimento. Aliás, esqueci o mundo cedo e voltei para nele viver, não faço questão de ir embora para outro lugar. Apenas quero a minha gatinha ao pé de mim...

Podia ter sido diferente, para mim, mas creio que o meu temperamento pouco me ajudou. Do mesmo modo, não tive grandes apoios, grandes ajudas, dinheiro para fazer as coisas que poderia ter feito. Seja como for, agora o caminho é para a frente, não para trás, não para ficar remoendo. Há uns meses tentei de novo dar aulas. Mas não estava bem. Vou tentar de novo. Pode ser que tenha sorte, que me sinta melhor...

# 82.

Depois, fiquei bolando um plano para reavivar, reanimar Riachos, já que o padre e o Presidente pouco ou nada faziam. Isto inlida, de certo modo, o meu ponto de vista sobre a aldeia. Mas, por outro, só o valoriza. Imagino as aldeias do interior, sem gente, sem vida. Por cá, nesta, ainda se vê gente no vários cafés, pais no Jardim de Infância, a Igreja Velha costuma estar aberta, mas, pergunto, terá sido o culpado de tudo isto a pandemia? Há que reagir, por mais que custe, como se tivéssemos de dizer dezenas de vezes MERDA para que algo aconteça. Por vezes, os grandes inimigos da infância, que nos custaram dores de alma e corpo, ânsias e frustração, são os nossos maiores amigos em adultos. Pus o boné e deixei-me estar, assim, abnonando, sorvendo, absorvendo em vez de responder, mesmo às ofensas do meu pai, que se julgava o melhor. Havia muitos como ele, que viviam de galgar sobre os outros a sua vitória. A minha era distinta, diferente, desmedida, exata e fatal.

# 83.

A ideia de que teria de ir para outra aldeia, não me deixava de martelar a mente, como se, enquanto antropólogo, teria de, como o cigano, ser andarilho, quando já era pensarielho que chegasse. A filosofia, de que me tornara refém voluntariamente, havia sido a minha salvação e eu não tinha a plena noção da extensão disso. A aldeia estava seca, saturada, eu também e seus habitantes também. O vírus fizera o seu trabalho e nós tínhamos de nos aguentar, uns e outros, uns aos outros. O corte epistemológico nas relações, na lei e nos costumes, deram-se, efectivara-se. A eu continuava na mesma aldeia, talvez desdobrando-me em várias noções, pensamentos e dizeres, por falta de apoio por parte dos intelectuais e da classe científica, a quem pedira vezes sem conta apoio...

# 84.

Mas a ideia-base era simples, em todo este projecto intelectual: assim como me havia ajudado, agora era a minha vez de ajudar. Até que percebi que o sucesso estava à porta, bastava caminhar para ele e abrir essa porta. Muito caminho ainda havia do lado de lá dessa porta...

Só quando percebi isso é que comecei realmente a ser feliz, a viver a vida.

O Domingas assustou-se, foi o que se passou. Sózinho, praticamente sem amigos, numa grande cidade como Lisboa, como que abandonou até a casa que lá tinha em favor de uma vida mais calma. E os pais faziam pressão, juntamente com a comunidade, para que eles fizesse certas coisas a que ele apenas dava um tempo, querendo fazer as coisas com calma, viver a vida sem ataques e pressões. Não encontrou isso, encontrou adversidade. Apesar de ser engenheiro e ter trabalhado numa grande empresa de telecomunicações, ter trabalhado na linha do norte. Tentou tudo mas sozinho não conseguia. E eu pedi-lhe desculpa. Voltei a ser seu amigo. Mas era tarde. Nessa altura, quando morreu, eu escrevia a minha tese. Nem fui ao seu funeral. Foi Danny, talvez em meu lugar. Enfim, contingências da vida. Por isso eu serei sempre um andarilho, de comboio entre uma grande cidade e uma pequena aldeia...

# 85.

No auditório da biblioteca de Pombais, nessa noite de Sábado, um quarteto de sopro riachense passava na Rádio Clube. Eram meus amigos, ou ex-amigos, não sabia bem, pessoal que tinha andado na Filarmónica que, com o clube de Atletismo, mantinham aceso algum dinamismo em Riachos. E, agora, a filosofia. De novo. Por ela, pelos problemas que me tinha trazido, resolvi encapar mais livros com folhas do *Le Monde Diplomatique*. Nessa noite, decidi ir ao hospital marcar uma consulta e pedir para fazer umas sessões de psicoterapia. Antes que fosse internado. Além do mais, estava a sofrer bastante, mentalmente.

# 86.

Eu, apesar de estar certo, ninguém queria saber. Continuava só, quer em Riachos, quer em Lisboa e miúdas nem vê-las. Enervava-me e andava tenso, nunca mais obtinha o grau pela discussão da tese, nunca mais conseguia a minha independência económica, a minha mãe e a minha irmã falava comigo de través, antipaticamente. Eu aguentava, uma responsabilidade que eu nem sequer sabia se existia. Mas que sabia ser real, porque sabia que eu era real, talvez tanto quanto nunca havia sido. Talvez mais do que na adolescência, nos melhores momentos do seminário, nos tempos da licenciatura do ISCTE, tudo isso. O meu pai chegava e eu deixava-me estar na Casa do Jardim. Não adiantava confrontá-lo com nada, ele sempre se julgara o maior, como muitos que andavam por ali, então em Lisboa nunca mais acabavam. Pouco ou nenhum valor dava ao que eu fazia, para ele eu era um estorvo que andava ali, de volta dele, de volta da minha mãe, sempre me pusera abaixo, enquanto os meus irmãos faziam a sua vida e não queriam saber dele. E eu estava, quando não estava em Lisboa, ali à mercê dos seus comentários e críticas, ofensas, xinguices. Tinha de mudar, novamente, se queria chegar a algum lado, se queria voltar a dar aulas. Atente-se que eu estava bastante activo mental e intelectualmente, estava lúcido, mas as obsessões fustigavam-me o espírito violentamente, a todo o instante. Era uma luta que poucos sabiam existir e que pouco compreendiam. Porque eu dava valor, talvez fosse apenas às coisas erradas, às imagens erradas e pequenas percepções.



# 87.

Sentia, então, que por mais que me esforçasse, ninguém percebia o meu talento. Reconhecimento, era o que precisava, para continuar, mas perceber que estava pertencendo a qualquer coisa. Mas não, não via sinal, nem num lado nem noutro, ninguém me contactava para nada. Depois da tese ninguém, a não ser Danny, haviam falado comigo sobre a tese. Era fácil quebrar, deitar a toalha ao chão ou até fazer chantagem para conseguir certas coisas. Mas não, eu fechava-me cada vez mais cerrado em mim mesmo e continuava a trabalhar, ler, pesquisar, escrever, argumentar, colocar as coisas mais ou menos conceptualmente. Por isso corria o risco de implodir, de ter um aneurismo, um AVC, mais um ataque igual ou pior áquele que tivera em 2017...

# 88.

Acho que um dos meus maiores males foi e está sendo preocupar-me, preocupar-me demasiado, com as coisas, com as pessoas, com as ideias. Talvez se deixasse andar fosse melhor. Ou pior. Talvez se nunca me tivesse preocupado as coisas teriam corrido bem pior, para mim e para os meus, inclusivé os meus amigos, porque poder mental começa a ser comigo. Porque eu faço melhor quando fico só, não sou como certos garotos mimados que andam por aí, que pensam que são como os gatos, que têm mais do que uma vida. Se não me preocupasse talvez não tenha saído tanta escrita como já saíu. E a solidão? Vou aguentando. Os meus melhores amigos são os livros. Esses são os meus verdadeiros amigos. Namorada? Deixei de desejar ardentemente tal "coisa". Se vir, tudo bem. Se estiver não vindo, cá estarei, ainda por alguns anos, espero.

# 89.

Sou a pessoa que sou, não posso modificar o passado, pois a nossa acção inscreve-se no tempo (biográfico) e logo se esquece, como que ficando para trás no caminho. De quando em vez recorremos a certas experiências nossas para justificar uma acção futura, um devaneio, uma falha ou um sucesso, coisa mais rara. Aprendemos que quanto mais tarde a reacção à adversidade e ao infortúnio, pior é, se acreditamos nesta vida, no sucesso que podemos ter nela. Se acreditamos mais na outra, deixamo-nos andar e somos testemunhas dessa outra vida nesta. Por isso andamos melhor, menos ansioso, mais diligentes. A experiência traz tudo: a calma, a ponderação, o saber vindo da reflexão. Mas poucas pessoas reflectem, seja num tópico mais ou menos filosóficos seja na sua experiência de vida, na sua biografia. Os tempos estão mudando e temos de estar mais atentos, mais alerta. Porque na curva do tempo, que pode ser uma curva da estrada, uma curva apertada, podemos encontrar um pensamento para a felicidade ou algo mais trágico para a nossa singular vida...

# 90.

Não sabia que eu me pai me tinha tanto ódio, tanta a aversão. Talvez o mesmo que eu já senti em tempos por ele. Depois mudei. Todos andamos zangados uns com os outros e o meu pai não tem razões para andar zangado comigo. A realidade era cheia de bortoejas, incisões, figurações, mas lá ia, como a cataplana, como a bazuca e a passada engrenagem política a que deram o nome de geringonça. Nos entrementes disso, sem ter tanta coisa, eu era feliz, mesmo com o pouco que tinha, pois não era lambão. Fazer o bem, todos os dias, dá mais trabalho, tens as críticas daqueles que só falam e não fazem nada, acham-se donos do mundo e só sabem destruir para se impôre. Fracas vitórias, essas. VE eu tenho sido um avaro do conhecimento, um mau gestor do meu conhecimento, só agora dou o devido valor à religião.

# 91.

A mania da perfeição e o incômodo do mundo incompleto. Como se fosses Deus, como se O pudesses substituir. A contingência faz-nos arrear caminho, enquanto a soberba e a arrogância faz-nos absolutizar os bens do mundo, as alegrias vãs e passageiras. Só a combinação das duas nos faz feliz. E quão difícil é lá chegar!

O mundo é o mundo, não é o i-mundo nem uma latrina a brilhar. É sequência, pensamento encadeado, fluidez. O mundo não é daqueles que nunca duvidaram, em si e nos outros. O mundo é dos que caíram e se levantaram, daqueles que por mais vezes possam cair, por mais vezes ainda se podem levantar.

# 92.

Perdi demasiado para me viciar em perder. Mais tarde ou mais cedo irá acontecer alguma coisa, alguém me dirá alguma coisa. Manu disse-me para mudar de actividade, eu não liguei. Mas ponderei. Tanto tempo investindo esforço na escrita, na investigação e não faz sentido desistir agora, mesmo que me sinta só. Aprendi a ser ponderado e a medir as consequências, conhecem-me por isso. Muitos me odeiam, mas a minha força é maior do que esse ódio, porque sou persistente, porque sei que estou certo. Cá por mim, os dirigentes deste país deveriam passar um ano num convento, em reclusão, como se faz na prisão e uns seis meses num hospital psiquiátrico, para comprovar que não são malucos, interesseiros e mafiosos.

# 93.

Começo ficando sem energia. O meu pai não me ajuda, ele que deveria ajudar. Mas não, só me dificulta a vida. De quando em vez insulta-me, não posso estar perto dele. Mas vou singrando, fazendo das fraquezas forças, não por ele, que não merece, mas por mim, só por mim. E a minha mãe também não pode dar mais, está mais cansada do que eu. As vezes, isto faz-me perder a paciência, este país. Poder ainda dar e não saber como nem onde. É injusta, toda esta situação. Se fosse em França ou na Inglaterra, com menos esforço já estava lá, quero dizer, já tenho emprego, apesar de reformado, e já tinha discutido a tese. Creio que já poderia estar dando aulas numa universidade. Aqui não, é preciso falar com todos e mais algum, tirar uma espécie de bula para ensinar filosofia. Conta o que passa na TV, ninguém pega num livro. Daí se vê o atraso do país. As pessoas, na sua maioria, são ociosas, parecem muito felizes e acredito que o são, mas numa felicidade elementar, básica, não como aquela que eu já senti, com ou sem mulher. Por outro lado, exige-se que o intelectual seja compenetrado, fale baixo, não se misture. Protótipos e mitemas de uma sociedade à deriva, como outrora nas caravelas...

# 94.

E aí vão eles, cheios de dinheiro, com suas mulheres, enquanto eu tenho de me aguentar em casa, em nome do nome. Ando de um lado para o outro, pensando, na vida e nas coisas que tenho de fazer, na falta de reconhecimento e na pouca confiança em o cumprir, em o fazer acontecer, imerso num mar de pensamentos que não são os meus. Na verdade, eue stava gasto, desgastado, com toda esta coisa do doutoramento, da escrita. Parecia ter mais dez anos, no mínimo, do que aqueles que tinha realmente.



# 95.

-Disse-te isso. Talvez não o quisesse dizer. E talvez precisasse de o dizer como quem bebe água, porque estava transtornado. Prejudiquei-me a mim próprio e a mãe ficou abalada com essa e outras coisas, ditas, pensadas, comos e eu não conseguisse ficar puro na grande cidade.

-Oiço atravessa "és o maior" e mais ou menos outros insultos, logo à chegada, para além daqueles que a mãe vocifera. "És a desgraça de todos nós" E eu que pensava que era precisamente o contrário.

-Tiraste a vacina? Tirei. Se fosse no cú era pior. Isso dizes tu sobre mim.

- Não entendo porque me esquece e logo te viras contra mim.

- Por mais que faças, se estás na direção errada, continua, porque esse é o teu caminho de glória. O tempo logo passa, por isso não te metas com ele.

- Quando percebes o que realmente importa, deixas de te preocupar com os outros, então a luta é contigo mesmo. Tu contra ti.

- Muitos pais querem tanto que perdem a noção do que deve e não deve ser, Viram-se contra os filhos porque talvez não estão bem no mundo. Exigem demasiado deles e perdem a proporção do sentido e das coisas.

- Qué pasa que la banda está borracha?

- A capa dura dos livros que estás a encapar. Capar, encapar. E o cagalhão raspado na estação da Lamarosa.

- E assim continuo a minha jornada, levando noite adentro os meus pensamentos, procurando descansar na produção de palavras.

- Ao acordar, o teu espírito aparece ferrado e irrompe vagarosamente pela floresta da cidade, repousando mais tarde na calma e no silêncio do campo, contrariado pelo

cochar das rãs do riacho ali perto.

– Mais uma vez, tou saturado de ti, vens e ofendes-me a mim e à minha mãe. Fascista merdoso.

–

– Eu sou o reflexo de como está neste país a religião: o abandono, a descrença, o egoísmo, o esquecimento. Por quanto tempo mais?

– Por tudo o que fiz, pela parca ajuda dos meus irmãos e outros que nem um livro escrevem na vida e nunca pensariam fazer uma tese, quanto mais em filosofia. Por esses todos, apesar de tudo, foi em nome deles que escrevi tudo o que escrevi.

– De repente cai-me tudo em cima, tenho a culpa de tudo. Acaso recebo dinheiro pelo que faço? Muitas pessoas, quanto mais sabem, mais maldade e coscuvilhice têm.

– Se tivesses a experiência de quatro internamentos como eu tive, só desejarias ter saúde, quanto mais trabalhar.

Ainda a questão da herança. Como se eu fosse um filho proscrito. Po excesso de zelo. Desculpas também se pedem. Há coisas que não podemos evitar. O mundo está cheio de duros frustrados e moles brilhantes.

# 96.

## **A tirania do relógio-George Woodcock**

„ A concepção do tempo, característico da actual sociedade ocidental, não podia ser mais diferente do que a das sociedades anteriores, europeias ou orientais. Para os antigos, gregos ou chineses, para o pastor árabe ou para o camponês mexicano, o tempo é representado pelos processos cíclicos da natureza, pela sequência alternada do dia para a noite, pela passagem de uma estação para outra. Os povos nómadas e camponeses mediam e medem ainda os seus dias desde o nascer ao pôr do sol, e os seus anos pela sementeira ou pela colheita, pela queda da folha nos bosques e pelo degelo dos rios e dos lagos. O camponês trabalha condicionado pelos elementos naturais e o artesão fabrica o que lhe faz falta, acabando o seu produto com perfeição. O tempo é considerado como um processo de mudança natural, e os homens não se preocupam com a sua medida exacta. Por essa razão, algumas civilizações muito desenvolvidas em vários aspectos tinham facilmente meios muito primitivos de medir o tempo: o relógio de areia ou de água, o relógio de sol ( que não se podia usar em dias de nuvens), e a vela ou a lamparina que indicavam o tempo de acordo com a cera ou o azeite que ficavam por queimar. Estes instrumentos eram toscos, e as condições atmosféricas ou a preguiça de quem cuidava deles, tornava-os com frequência inúteis. Com excepção de uma pequena minoria, quase ninguém no mundo antigo ou medieval se preocupava em medir o tempo de uma maneira matematicamente exacta. Porém, o homem moderno ocidental vive num mundo que corre sob os símbolos mecânicos e matemáticos do tempo do relógio. O relógio dita os seus movimentos e inibe as suas acções. O relógio converte o tempo de um processo natural numa mercadoria que pode ser medida, comprada e vendida. Ocorre às vezes, na história de uma cultura ou civilização, a invenção de um instrumento

que é logo utilizado na sua própria destruição, como aconteceu por exemplo com a invenção da pólvora pelos chineses, mais tarde aperfeiçoada no ocidente, serviu depois para destruir a civilização chinesa em guerras onde foi utilizado esse explosivo potente e moderno. Analogamente, a invenção mais aperfeiçoada pelos artesãos das cidades medievais europeias foi o relógio, o qual, ao alterar revolucionariamente o conceito de tempo, contribuiu para a morte da Idade Média. A tradição afirma que o relógio apareceu pela primeira vez no século XI, para, nos mosteiros, tocar os sinos com intervalos regulares. Os seus membros levavam um estilo de vida de tal forma regulamentado que é o estilo de vida da Idade Média que mais se parece com o das fábricas da actualidade. Porém, não há provas de que tenha havido relógios antes do século XIII e foi a partir do século XIV que os relógios se converteram em adornos correntes nos edifícios públicos das cidades alemãs. Esses primeiros relógios de pesos, não eram nada exactos, e foi só no século XVI que se conseguiu um grau mais elevado de exactidão. Por exemplo, diz-se que em Inglaterra foi o relógio de Hampton Court, de 1540, o primeiro que funcionava com exactidão, embora se tenha de ter em conta que esses relógios do século XVI tinham somente o ponteiro das horas. A ideia de medir o tempo em horas, minutos e segundos já existia nos matemáticos do século XIV, mas só se utilizou a agulha dos minutos depois da invenção do pêndulo, em 1657, enquanto que a agulha dos segundos só apareceu no século XVIII. Foi precisamente nesses dois séculos que o capitalismo cresceu de tal modo que pode aproveitar-se das técnicas e da revolução industrial para estabelecer o seu domínio sobre a sociedade. O relógio é, como assinalou Lewis Mumford, o mecanismo chave da era da máquina, tanto pela sua influência na técnica, como pela sua influência nos costumes dos homens. Do ponto de vista técnico, o relógio foi a primeira máquina realmente automática que teve influência sobre a vida humana. As máquinas anteriores dependiam de forças exteriores e variáveis, como os músculos de homens e animais, o vento ou a água. As máquinas primitivas inventadas pelos gregos ( como a máquina a vapor de Heron) foram utilizadas para alcançar «efeitos sobrenaturais» nos templos ou para divertir os tiranos nas cidades do próximo oriente. O relógio foi, por outro lado, a primeira máquina automática que teve importância pública e uma função social. A relojoaria foi a

actividade a partir da qual os homens aprenderam os elementos da indústria mecânica e adquiriram habilidade e técnica. O que lhes permitiu produzir a maquinaria complicada da revolução industrial. O relógio teve, socialmente, uma influência maior do que qualquer outra máquina, já que foi o meio para regularizar e regimentar a vida de uma maneira precisa num determinado sistema económico. O relógio trouxe os meios para que o tempo – uma categoria tão esquiua que a sua natureza não foi estabelecida por nenhum sistema filosófico – pudesse ser medido concretamente em termos de espaço, na tangível circunferência dos mostrador do relógio. O tempo como duração foi posto de lado e começou-se a falar de «tamanho» de tempo como quem fala do «tamanho da roupa». E o tempo que se expressava e media com símbolos matemáticos, foi considerado uma mercadoria comprável e vendável como outra qualquer. Os capitalistas estavam conscientes da importância do tempo. O tempo, que na indústria simbolizava o trabalho dos operários, foi encarado por eles quase como se fosse a matéria-prima da indústria. Recorde-se que o famoso slogan «tempo é dinheiro» se tornou a chave mestra da ideologia capitalista. O capataz, funcionário que media o tempo, tornou-se uma peça fundamental na engrenagem produtivista nos alvares do capitalismo.

Nas primeiras fábricas, os patrões chegavam a manipular os relógios ou a fazer soar as sirenes antes ou depois da hora para burlar aos seus assalariados um pouco dessa valiosa mercadoria que passou a ser o tempo. Tais práticas passaram a ser mais ou menos frequentes, mas a influência do relógio fez-se sentir sobretudo por via da imposição de uma regularidade nas vidas da maioria dos homens, regularidade essa que anteriormente só existia nos mosteiros. Os homens tornaram-se realmente como relógios, actuando com uma regularidade repetitiva que não se aparentava absolutamente nada com a vida e o ritmo natural. Os homens tornaram-se, segundo a expressão vitoriana, «regulares como um relógio». Somente nas áreas rurais, onde a vida natural dos animais e das plantas, juntamente com os fenómenos atmosféricos, dominavam ainda a existência, é que uma boa parte da população conseguiu evitar o tic-tac mortal da monotonia. No princípio, essa nova atitude face ao tempo, esse pautar regular da vida, foi imposto aos pobres pelos amos contra a vontade daqueles. O «escravo» da fábrica reagiu, vivendo

o seu tempo livre com irregularidade caótica, aliás característica dos subúrbios da industrialização dos princípios do século XIX, com o recurso a bebedeiras e outras formas de fazer passar o tempo... O engaiolamento dos homens nas fábricas de produção industrial concorria com a bebida e a religião. Mas, gradualmente, a ideia de regularidade vulgarizou-se no seio dos trabalhadores. A religião e a moral jogaram então a sua cartada ao proclamar pecaminoso o «passar o tempo» sem nada fazer. A produção em massa de relógios, a partir de 1850, ajudou à tomada de consciência do tempo, para quem até então só conhecia a sirene da fábrica para marcar o tempo. A pontualidade converteu-se na maior virtude, na igreja como na escola, na oficina como na fábrica. A desmoralização que reina hoje na vida fabril ( e, de um modo geral, empresarial) nasceu justamente dessa dependência escravizadora do tempo mecânico, que no século XIX se alastrou insidiosamente a todas a sociedade. Quem não se adaptasse ( ou se não adapte) ao todo poderoso ritmo do tempo do relógio terá de enfrentar a reprovação social e a não menos certa ruína económica, a não ser que escolha um estilo de vida não conformista no qual o tempo não tenha tanta importância. As refeições apressadas, a luta matutina e vespertina por um lugar nos transportes colectivos, ou as intermináveis filas de automóveis que bloqueiam os acessos às cidades e aos centros industriais e comerciais, a pressão de ter de trabalhar segundo um horário fixo, ou por turnos, contribuem sem margem para dúvida para a alteração dos processos digestivos e nervosos, enfim, para arruinar a saúde de quem trabalha neste ritmo infernal.

Impor uma tal regularidade não significa geralmente maior eficiência. De facto, a qualidade do produto deixa a desejar, uma vez que, sendo o tempo uma mercadoria, a imposição de uma velocidade de produção obriga a menor tempo e dispêndio na realização das tarefas. O critério reinante passa a ser a quantidade e não a qualidade, e por isso retira-se ao trabalho assalariado toda a sua capacidade de satisfação e o trabalhador converte-se consciente ou inconscientemente num produto da medição do tempo que o leva a olhar permanentemente para o relógio para saber quando chegará a hora do fim de trabalho e ter acesso a outra forma de tempo padronizado em que se tornou por sua vez o «tempo livre» na sociedade capitalista contemporânea. Tempo livre esse que se traduz não raro em «matar o tempo» - medido também em horas e minutos –

a ver tv, jogar cartas, ir ao futebol, tudo isto medido segundo o seu cansaço e o seu salário.

Só quando estiver disposto a viver segundo a sua capacidade e criatividade é que o homem pode evitar viver como um escravo do relógio. O problema do relógio tem paralelo ao problema da máquina. O tempo mecanizado teria valor como um meio para coordenar as mais variadas actividades de uma sociedade altamente desenvolvida, tal como a máquina podia ser utilizada como um meio para reduzir o tempo de trabalho desnecessário. Ambos poderia humanizar a sociedade e ajudar os homens a cooperarem e contribuir para a superação do trabalho monótono, tornando espúrio o controle e o domínio de uns homens sobre os outros. Infelizmente, o movimento e ritmo do relógio determina hoje em dia o quotidiano da vida humana nas nossas sociedades. Os indivíduos tornaram-se subservientes do conceito de tempo, criado por eles e utilizado pela economia capitalista em seu próprio benefício. O relógio converteu-se como Frankenstein: um monstro de quem os seus criadores têm medo.

Numa sociedade livre e saudável esse domínio do homem pela máquina tonar-se-á ainda mais ridículo que a dominação do homem sobre o homem. O tempo mecânico seria relegado à sua verdadeira função como meio de coordenação e os homens voltariam a ter uma visão equilibrada e saudável já não pautada nem determinada pela adoração pelo ritmo do relógio. A liberdade completa exige a libertação da tirania deste tipo de abstrações, para além, evidentemente, do desaparecimento das estruturas de domínio de uns homens sobre os outros.

# 97.

Interrogas-te, enquanto autor: „E se a minha obra não for reconhecida em vida? Sê-lo-á depois da morte? Nunca se sabe, não se sabe bem. O autor é, por isso, nada mais do que um médium, um meio, um instrumento, um canal que transmite a voz da realidade. Nesse aspecto, é como os actores. Mas...a sua voz interior também vem da natureza? Da natureza humana? Vivo e convivo com os meus fantasmas e já não é pouco. Por vezes vislumbro a paz de espírito para a qual trabalho através da consciência do mundo e de mim mesmo em mim. Depois, aproximas-te de Deus e vês como o caminho não é sem espinhos. Interrogas-te se vale a pena a vida, por tanto sofrimento de uma doença atroz, se vale a pena continuar e se continuando dás valor à vida, para ti, à tua, e para os outros. Fome, tabagismo, alcoolismo mal assumido, tudo isso te persegue e chegas a vislumbrar como irás acabar, só, em casa, ou numa casa de professores. Até que chega ela, brilhante, jovem, amorosa. Não sabe o português. Nem sequer o inglês. E tu falas-lhe em francês...a língua do teu nascimento. E sentes.-te nascer de novo quando a vês pelo Skype, quando falas com ela pelo teclado do computador. E continuas o caminho.



# 98.

E onde está o meu trabalho? Procurava ainda. Mas...como me aguentar oito horas num posto de trabalho? Era mentira. Para agravar a situação, apenas recebia dez euros por dia dos meus irmãos, já não ia há Baixa há uns dois meses e sentia falta diosso, de estar fora de casa, de conviver com as pessoas, com amigos. Esperava aguentar uns dias até receber para comprar o passe. Aí ficaria mais descansado. E não iria tão cedo a Riachos, pois o meu irmão zangara-se com o meu pai, que se exaltara por causa de mim. Por um lado, levava uma vida de merda, por outro sentia-me feliz e percebia que estava fazendo um esforço exclusivo para pôr a minha vida nos eixos...

# 99.

E ali estava eu, a minha tese ainda por discutir, no canto do mundo, o canto da minha casa, tentando não fumar e chateado por não falar com ninguém. A vida é toda feita de desistir e/ou insistir, sendo que face à finitude, isso tem um valor relativo. Ou não? Ou devemos continuar a nossa vida normalmente, como se nada fosse? Há pessoas que se preocupam com a condição humana, outras não querem saber e vivem como se nada fosse. Há de tudo, neste mundo. Em casa todo o tempo. E tentar não enlouquecer.

# 100.

Por vezes, não vemos, não sabemos, por onde vamos. Estamos às escuras. Insistimos num caminho e a cabeça dá voltas e mais voltas e a felicidade parece escapar-se por entre os dedos de um cigarro, de uma ponta apagada e quando já não há mais inteiros vamos ao lixo buscar as pontas. Lembramo-nos de Paris, de estar a trabalhar nos cinzeiros do aeroporto, a apanhar apanhar beatas, e tudo no parece estonteante, deafiante, cruel. Injusto. No entanto caminhamos de novo e deixamo-nos estar, no nosso lugar, até que o universo se recomponha (em nós) do que nos fez. E vemos, concluimos, que não foi o universo, foram certas pessoas. Que fazer então? Jutiça de um justiceiro? Logo, finges que estás preso por um crime que não cometeste. Isso ajuda-te a suportar a casa. Mesmo que tenhas de fumar um cigarrito ou outro.

# 101.

Mas...a fim de tantos tempo, acredita que estou terrivelmente deprimido? Ao mesmo tempo, procurava fumar menos, talvez metade do que fumava antes, ou seja, um maço para dois dias. E beber, já estava bebendo menos, num exercício de autocontrole desmesurado e incansável. Até que vi as garrafas de ísqui do monhé, pensei, quando recebr vou comprar uma. Estranhamente, o uísqui fazia-me menos mal do que a cerveja. Era dura, dura a minha vida e eu duro também, quase em reclusão, em casa e tirando o pensamento da casa, entre dois ou três tópicos que me tornariam famoso, mais famoso do que era então, entre a fama e o segredo...

# 102.

Fui à Igreja, acendi duas velas. Benzi-me, pensei um pouco, rezei um pouco. Lembrei-me dos tempos de Lérída, de quando queria saber padre. Agora, talvez esteja melhor. A Igreja, a religião, fazem parte do mundo e podem ser a solução para muitos problemas, inclusivé os mentais, de difícil resolução pela via científica. Trouxe a Bíblia do Rafa e abria-a várias vezes durante o dia, também à noite, ao deitar. Dava-me a sensação de paz e equilíbrio que procurava. Por vezes estava desalentado, procurava não fumar. Mas outras vezes não resistia e lá fumava, à raiva, indignado com a minha situação, como tinha chegado a tal. Uma bafurada de vento e fumo fazia-me compreender que não estava assim tão mal. Agora, tinha de arranjar duzentos euros para pagar o bilhete de Aube até cá, Lisboa. Ou então seria tudo uma intrujice...

# 103.

O meu irmão enervara-se com o meu pai. O meu pai também se enervara. Eu tive de sair à pressa e apanhei o comboio para Lisboa. Aqui, estava quase todo o tempo em casa porque não tinha tirado o passe do metro, não podia sair das redondezas da casa, do apartamento, aliás, porque nem sequer tinha uma bicicleta. Estava farto. Farto de pensar alto, de não falar com ninguém. Talvez fosse, a risco, de novo no fim de semana a Riachos. Estava tudo mal, porém talvez nunca tivesse estado tão bem...

# 104.

Okay. On laisse tomber. C'est trôp loin. Parece que, como Timeu, fui jogado de e para o mundo, como se fosse às feras, e tenho de me adaptar rapidamente, sob pena de desaparecer fisicamente. E trata-se da aldeia, da cidade. Ainda não consigo esquecer o ISCTE, os professores. Talvez venha a frequentar um mestrado para receber uma pequena bolsa. Longe a literatura, nem sei se este escrito é literatura, se é apenas estar-aqui desejando estar-além. A filosofia vai bem, com avanços e recuos, nos termos de uma pós-filosofia, de uma pós-metafísica. A antropologia vai mais longe, mas eu nunca pensei que chegaria onde cheguei e os sintômas psiquiátricos são a consequência disso mesmo, tenho a certeza. Por vezes, nada mais há a dizer. Mas continuamos.

# 105.

A pouco e pouco, ou pouco a pouco, como se diz na língua portuguesa, especialmente em Lisboa, ficava-me a minha dúvida se estaria naquele lugar, naquela casa, até ao fim dos meus dias e eles esatiriam para chegar mais cedo ou mais tarde, mais mês menos mês. Não podia voltar a Riachos, o meu pai não deixava, até a minha mãe insistia a que eu não fosse lá. Mas eu ia, dali a duas semans de onde estava, naquele Sábado luminoso em que falei com o senhor do talho por me parecer coimbrão e tinha acenado ao chinês da mercearia, ainda que ele não respondesse. Leis do comportamento e do discurso humano? Não existem, ele é ao acaso e arbitrário à casca da noz. A literatura cedo compreendeu isso. Lisboa estava lentamente, com sua paciência, a voltar ao que era antes de epidemia, depois da crise da troika, havia qualquer coisa de estranho nisso, ou seja, sempre que tentava explodir, Lisboa detinha-se no seu vibrante crescimento, os economistas poderia explicar isso, ou seja, como que parasse no ar e tivesse de parar, aí mesmo, no ar, antes que explodisse a nível mundial. Ironicamente, ou não, lembrava-me do trabalho no gabinete de Desenho e Arquetectura da Câmara Municipal de Pombais e a sensação que foi o escândalo do Tomás Taveira, ao lado do senho Vívaro, grande amigo, já ido, do meu pai.



# 106.

Depois, pensei, nesse Sábado, a caminho de Domingo, assi: de que me serve o prestígio social se não tenho namorada nem sou feliz? De que me serve o prestígio se estou na bancarrota e mal tenho para comer, pedindo dinheiro emprestado aos meus irmãos? São variáveis que temos de trabalhar, de controlar. Mas eu sabias que chegaria lá, nos dois aspetos, tinha uma francesa marroquina que queria viver comigo, isto é a fartura, quando tens fartura não dás valor, há por aí muita tipa que só que ser sustentada e entrega-se a isso, facilmente, são a maior parte, depois há aquelas que querem um tratado de metafísica televisiva para uma queca, que por vezes não dá, quanto mais fará o casamento. Fiquei pensando nisso. Mas não muito. Nem sequer fiquei pensando na filosofia ou na antropologia. Eles diziam o que lhe aprovia porque tinham o tacho das aulas e uma coisa conduzia à outra. Portanto, estava servidos e eu não. Mas persistia, consistia, perserverava.

# 107.

Tanto tempo depois, ainda pensava no ISCTE, no modo como haviam e não haviam me tratado. Pensava no Pais de Brito. No silêncio deles, ante suas posições, como pensava nos professores da FCSH e da Clássica. É que não me saía da cabeça. Mas preferi não me manifestar a nenhum deles, porque quando e se fosse professor, não queria que os alunos andassem atrás de mim por uma qualquer razão metafísica ou de angústia existencial. Embora isso fizesse parte do *métier*... Há o mito...muitas vezes não é conseguir, chegar, vencer, é o evitamento de nos entregarmos a uma causa que tira mais do que o que dá e à qual não vale a pena direccionarmos os nossos esforços...Pensava em como os havia vencido, sem lhes entregar as armas, sem lhes servir a causa, com a história do Doutoramento Honoris Causa, que sabia merecer, antes ou depois de vivo. E como passara para a filosofia e a descartara, indo mais além, de uma forma lateral, mas quase definitiva, pois ainda pensava em termos antropológicos, filosóficos, sociológicos. Essa era a minha matriz e por mais literatura que escrevesse, não me podia libertar disso, porque era a minha maior segurança e, no fundo, a razão de ser de todos os meus escritos.

# 108.

Dá-me ideia que estou no limite das minhas forças. No entanto, continuo, sem saber bem porquê. Deixei de dar importância às faculdades e o *Conflito das Faculdades* é um livro que talvez nunca escreverei. Perda de tempo.

Então, percebi que podia perfeitamente fazer o Doutoramento em Psicologia Social. Mas reparei que não tinha dinheiro, e estava falido, logo, decidi optar pelo Mestrado, sempre podia receber uma bolsa. Iríamos a ver. Estava em casa e quase todos os outros estavam na praia, vacinados ou não. Mas na rua havia movimento. Recebi a pensão e fiquei tentado a comprar uísqui, uma garrafa pequena. Mas o tempo passava e eu resistia. Gastara quase todo o dinheiro na NOS, na candidatura ao mestrado e em algumas coisas no supermercado. Não tinha mais dinheiro na carteira, nem para pedir umas publicações religiosas. Naquele dia, em frente TV, carente de afecto, deixava passar o tempo...

# 109.

Face ao rumor do mundo, tanto vale uma coisa como outra, exceptuando a agressão ao Outro e o sentido de missão da vida, da vida como missão. Ainda há pouco tempo venho eu do supermercado e vejo duas meninas bem aperaltadas, um homem não é de ferro nem é maluco, tem de se aguentar para não infringir a lei com menores. Como será nas escolas secundárias e liceus? Assim tão despido, tão descarado, como se fosse um peixe, mais exatamente uma sereia? Como será nas faculdades? Ainda melhor, pois têm alguma coisa na cabeça. Há que ter cabeça, digo eu. Tão bem feita, tão bem feita, devia ter aí uns vinte aninhos, para mimera tiro e queda, preciso de ter tento na faculdade e não embarcar com qualquer uma. Como dói a solidão!!!! Ai minha mãe!!!! Depois, se fosse colocado no mestrado, admitia claramente que iria ser um sucesso e que a coisa iria correr bem, melhor do que até então. Havia tirado o passe e isso permitia-me alguma mobilidade, tirei de carris e de metro, de modo que via com bom olhos voltar modesta e humildemente, voltar a usar o autocarro, LOL

# 110.

Mesmo que me quisessem alguns tramar, eu procura afzer o bem. Talvez por isso mesmo. Não tinha dado para receber ainda Aude, a maroquina de quem me enamorar através dos feixes catódicos. Para mim, a questão da literatura e da descoberta do Eu foi questão d emuito sofrimento e também bastante prazer, não nego. Por vezes, quando fico em jejum sexual, creio que ainda estou no seminário, mas é duro, bastante duro. Quando sonho, quando imagino, ele fica ainda bem mais duro, lol.

# 111.

Eu desejava um pouco mais na minha vida, tal como quando andava em lérica, no seminário, desejava ser franciscano. Não fui nem uma coisa nem outra, mas o cenário como que se repetia, em forma de *déjà-vu*, ou seja, desejava subir um pouco na vida académica, não tanto pela filosofia, como pela psicologia, embora não levasse a coisa muito a sério e apenas desejava ter um ponto onde me dirigir todos os dias, juntando o útil ao agradável. A injustiça por não ter conhecido ainda ninguém assustava-me, estaria fazendo alguma coisa mal?, e remediava tudo com as idas à Igreja, que me trazia a necessária paz de espírito...

# 112.

O silêncio dos outros era ensurdecedor, parecia que estava cego, às apalpadelas, tentando encontrar a saída da minha angústia. Mas prosseguir, então, não contando com a ajuda dos outros. Tinha um papel social, agora, era actor sociaisl, muito mais do que autor num papel interpretativo do desenrolar dos acontecimentos público e sociais. Sabia que o mundo estava prenhe de mim, pode dizer-se, ou seja, se acautelasse o vector patológico da minha vida, a minha doença, ainda poderia ser bastante feliz e por uma boa quantidade de anos, mesmo que por vezes significasse uma grande chatice estar sempre ao redor do mesmo lugar, sem escapadelas, sem carro e sem grandes amigos com quem desabafar e ficar a falar durentes horas...

# 113.

Apesar de tudo, como se tivesse a cabeça enfronhada no cú, continuo, cheio de pruridos morais, tentando estar agora menos tempo em casa. Este é o (meu) momento presente e não posso deitar abaixo tudo o que conquistei ou fazer de conta que não existiu, que eu não existi. Ainda assim, sinto saudades da filosofia, da antropologia, enquanto procuro fazer um mestrado em psicologia para ter um ponto de deslocamento do Ser, no quotidiano. O meu irmão liga-me e fala comigo, melhor, sou eu que lhe ligo, digo-lhe que encontrei um part-time a arrumar livros, mal ele sabe que anseio por uma bolsa para continuar os estudos e, quem sabe um destes dias, inscrever-me no doutoramento em Psicologia Social, com ou sem bolsa. Digo-lhe que a melhor época das nossas vidas é mesmo a reforma e eu já saboreei isso mesmo, livre de todos os encargos sociais e onde não há grande volta a dar para trás. É, sem dúvida, a melhor época das nossas vidas, com a sensação do dever cumprido, provavelmente se poderia ter feito melhor, mas o tempo, esse, não volta para trás a não ser na ilusão de uma vida (melhor).



# 114.

De uma maneira ou de outra, como dizem os bancos da igreja, „ainda estou aqui“. Uma moça elegante, ainda novinha, fala para dentro do talho em frente, parece-me atraente, tenho bastante desejo, ainda falo com Aude, mas a coisa está ainda longe, tão longe que não lhe consigo dar medida. E entro na cidade, agora com passe, procurando o autocarro para a cidade universitária, que passarei certamente a frequentar novamente. Novas configurações do quotidiano na ponte de um cigarro no lar. Aprendo, apesar de estar preso nos meus pensamentos, a felicidade, a liberdade, o gosto de viver, a dar mais valor a umas coisas e menos a outras, a esperar mas não desesperar, mesmo que muitas pessoas não me dêem atenção, mesmo que muitas se lembram de mim mas não querem dar o braço a torceer, como no facebook...

# 115.

Uma volta pela cidade e o regresso a casa, a meia-tarde. A sensação de estar só. Só me aparecem mulheres feias. As bonitas como que estão guardadas pelos seus cães de loiça. De hoje em dia, acabaram-se as putas, o sexo desbragado. Vou procurar uma relação e lutar por ela. E têm de ser elas a perguntar, a sondar, não vou andar atrás de ninguém, especialmente das bonitas. Causa uma certa frustração, porque estou habituado a lutar pela relação, mesmo que ela não valha a pena, insisto porque quero algo de mais durável. Mas, de ora em diante, vou preocupar-me menos. Custa, mas tem de ser. É uma doença. Doença da sociedade que promove os amigos coloridos e não investe nas amizades verdadeiras. Doença, porque a Igreja ainda está viva e muitos preferem a Psiquiatria, a Psicologia, ou nem isso, uma forma de desenrasque pessoal que não traz felicidade nem bem-estar psíquico., Apenas doença. Doença da sociedade. Mas também, quem sou eu para dizer o que é a felicidade? Se a provo, ela logo me foge entre os dedos. Se a procuro, ela tarda, na forma de uma mulher, em aparecer. É este o meu desígnio e a minha busca, talvez até mais do que Deus.

# 116.

Depois, nesse dia de curto verão, pejado pela pandemia ainda, perdi o interesse. E sentia-me bem por isso, para me negar ao jogo social em que tens constantemente de provar de que és homem, de que és inteligente ou esperto, de que tens bens. Eu achava que isto seria coisa da smulheres. Elas andavam loucas com a libertação da sua condição. Os homens, não, sempre foram homens. Mas elas, elas queriam agora dominar não só a sua parelha como o mundo, veja-se lá. Queriam o poder económico e político, além do simbólico, que já tinham. Como diria Domingas, já ido deste mundo, „elas têm a faca e o queijo na mão“. E não precisavam de ser mulheres ou enteadas, podiam apenas ser irmãs ou amigas. Elas queriam o poder total. Ainda assim, eu era exigente em procurar uma que me completasse. Por isso não embarcava em falsas relações, só para satisfazer o corpo. E esperava, procurava. Talvez estivesse, nesses dias, sendo um verdadeiro homem, pela primeira vez. Um homem que esperava, ansioso e nervoso, pacificamente pela sua vez...

# 117.

Essencialmente em Lisboa, havia muita puta. Muitas, que em nome ora da psicologia do bem-estar ora da regra do desaforo e desabafo geral, se entregava às mais diversas práticas, a cidade pejada de existência para-lamentares mais ou menos policiadas, mais ou menos circunstanciais, fazia com este e com aquele o que podia fazer com um apenas. Pedófilos, tarados, drogados e malucos de toda a ordem pululavam pela cidade, habitando-a do vício respectivo de vária ordem. Eram poucas as pessoas sãs, aquelas que casavam para a vida, aquelas que casavam duas ou três vezes, quando a antropologia já provaram que o homem (e a mulher) naturalmente têm três, quatro parceiros ao longo da vida. Mas não, aqui tratava-se de centenas e a vida severa, normal, exigente, eivada de felicidade, passava-lhes à frente dos olhos e eles não a via. Era como se estivessem cegos. Saramago bem o disse no *Ensaio sobre a Cegueira*...

# 118.

Mas eu não achava caso nenhum especial por isso, em certo sentido eu lucrara com tudo isso, em termos sociais, em termos das mulheres que em tempos me haviam chegado, fundamentalmente por anúncios. Bastava ter dinheiro, os corpos estavam aí, ao dispôr, num formismo erótico mais ou menos elaborado. Numa ciência do sexo mais ou menos requintada, mas ou menos baixa, rasca, ou mais elaborada, mais patológica. Com isto tudo, ninguém acertava na definição de como a vida deve ser vivida. Nem os filósofos, nem os religiosos. Quer dizer, eles tinham os seus conceitos, as suas ideias, mas faltavam candidatos. E assim, eram como que obrigados a tolerar certos comportamento, certas filias mais ou menos filiais...

# 119.

Eu tinha andado com a cabeça no ar durante muito tempo, com isto (isso) da filosofia, da antropologia, até da literatura. No fundo, permanecia um tímido. A minha produção era virada para dentro e eu almejava controlar algumas coisas, ter o que outros têm, embora tivesse o que muitos outros não têm: talento para a escrita. Isso dava-me alento ao longo dos dias e ajudava a colmatar a dor psíquica da solidão. Conseguira, mais ou menos, domar a doença, à base do tacto, do risco, da experiência. Longe iam os tempos do hospital e parecia-me que não iria passar por lá tão cedo, ainda que não tivesse resultado para essa vida normal que tantos se esforçam por ter e conseguir e tão poucos conseguem...Estava em casa, inquieto sobre se havia de ir à Expo se ao Aeroporto, andar um pouco, beber um café, falar com alguém. Mas, ao mesmo tempo estava em casa, estava bem, depois de ligar à minha mãe, mentindo-lhe, dizendo que tinha conseguido um emprego a arrumar livros numa biblioteca. Uma mentirinha não faz mal a ninguém, enquanto estava quase a entrar no mestrado de Psicologia...

# 120.

Alguns chamam-me alienado. E a cada ofensa, sinto sensação de cair. Ao menos conheço o meu corpo, o meu corpo social, e não fico com a cabeça cheia tipo panela de pressão. Apesar de estudar ciências sociais. A cada dia que passa sinto esmorecer a oportunidade, o sonho, de dar aulas. Os laços com a sociedade são ténues. No entanto, ainda estou aqui, tentando fazer sentido. Do que me acontece, do que acontece aos outros. Com a televisão ligada. Mas, não está a dar resultado e ainda que seja relativamente conhecido, por boas e más razões, não cheguei ainda ao patamar que quero chegar. Isto tudo por causa das mulheres, que mais poderia ser? Mas, mesmo assim, elas não me ligam. Sou velho para grandes aventuras, novo para dar cabo da vida. Sei que nunca farei isso, porque afinal sou animal de sobrevivência e estou habituado a conviver com a solidão. A minha fé e confiança postergam sempre para diante, para o futuro, todos os meus fracassos e faço da minha loucura e dor uma formça que me impele a continuar, sem grande alarido, sem grande exibicionismo...

# 121.

Quando ficas deprimido, não és só tu quem perde, mas a sociedade também. Porque essa sociedade não te soube dar afeto e apoio quando tu precisavas, longe ou perto do teu reduto, a casa. E quanto mais ficas em casa mais à-vontade estás, mas mais a sociedade perde. As ciências psicológicas vêm isto do ponto de vista do sujeito e assacam-lhe a responsabilidade de uma doença mental, quando é a sociedade que se deve interrogar porque é que falhou. É claro que há traços de personalidade, psíquicos, a ter em conta, mas isso nada é face à responsabilidade que a sociedade tem de cuidar dos seus indivíduos, sejam eles sujeitos sejam eles actores sociais. A sociedade não é mais uma emanção do grupo, do contexto nacional, ou Deus, como muitos querem fazer crer e como eu acreditava em tempos. És tu, é o teu vizinho, é o condutor do metro, do autocarro, o homem do talho. No universo do social temos gente que não gosta de nós, como eu tenho o tipo do talho mesmo em frente à minha porta, ou o queijeiro do supermercado. Mas também temos gente que gosta de nós. E, se fazes tudo pelas mulheres, estás enganado, elas não ligam mais a grandes amóricos, a não ser as meninas de liceu. Elas querem fundamentalmente um tacho, um bom partido, uma cunha, um sustento. O resto vem depois, sempre se arranja se não foram malucas da calbeça ou feministas mais ou menos ecológicas...



# 122.

Quantas vezes caio, quantas vezes me levanto. Acho que me tornei especialista disso. Em levantar-me. Preocupava-me elas não me dão atenção, como quando em pequeno na escola. Mas agora não me preocupo mais, vou fazendo as minhas coisas, vivendo a minha vida, sem grandes sobressaltos, enquanto a maioria está no toca-e-foge, com uma vida em cima e acima do joelho. Digamos que criei um estilo de vida, muitos me acham de louco e eu não ligo, pois há por aí muitos mais tolos, encartados e governando este país ou fazendo fortunas. A partir do momento em que, pela minha inteligência, meu talento, fui-me tornando incómodo, as ofensas começaram a surgir, como ontem na missa por parte do padre. Será que eu vejo ofensas a mais? Talvez, mas vejo mais em casa, quando estou desprevenido, seguro e sossegado, do que quando estou na rua, em que, face a face, as pessoas maledizentes e invejosas dobram a sua língua. No fundo, é a diferença entre seguidismo e inventividade que está aqui patente. Sempore esteve patente, pois a partir do momento em que me vi sozinho, iniciei um outro caminho, provavelmente mais árduo, mas certamente mais saboroso, um caminho próprio, como se estivesse fazendo o Caminho de Santiago.

# 123.

Quando conheces o teu corpo, sabes o que ele quer. Mesmo assim, não sentes satisfação, porque corpo é corpo, não se cansa, quer sempre mais. Tanto dinheiro no futebol, e particularmente no Paris Saint-germain, sobretudo com a contratação de Leo Messi e eu aqui teso que nem um carapau, com inúmeras chagas mentais e padecências. E eles com as damas, que as da literatura não têm mamas grandes. Depois, o professor das Letras anda implicando comigo; depois de me chamar drogado, agora chama-me narcisita. É só inveja.

É assim que eu sou, um tipo simples e pouco interesseiro, que não procura o lucro em primeira luga porque tem princípios e sabe levar a vida, porque há coisas mais importantes, nomeadamente saber e fazer com ela algo digno. Mesmo que sejas, a maior parte do tempo, politicamente incorreto. Porque a vitória não está no passado, nas tuas quedas, naquilo que fizeste ou não fizeste, mas mais adiante no tempo, no teu futuro que podes viver, sobrevivendo a todas as tuas morosas dificuldades...

# 124.

Acho que é essa *gap*, esse vão da existência, que me salva, e onde estou quase todo o tempo, como que dentro de uma onda que se desenrola constantemente, por não ter amigos mas conhecidos. O meu grande amigo já foi embora, salvo aquele que nunca foi grande amigo, o Dany. Tanta merda com o Gonçalo M. Tavares e depois vai-se a ver e nada...nasceu no mesmo ano que eu. As pessoas tendem a avaliar a literatura, a ciência, a filosofia, não em si, mas pelo que lhes diz em termos pessoais ou sociais, face àquilo que é conhecido. Assim, o preito preovecto vai para os meus em vz de para toda a humanidade em geral e a amostra que são os portugueses, porque pouco me deram e têm sido bastante injustos para com a minha pessoa, mas eu, por ser politicamente incorreto, não lhes vou assacar isso. Mas que me sinto revoltado, ai isso sinto. Dão-me o peso para cima das costas, para dentro da consciência e safam-se logo a seguir. Se isto não é injusto, não sei o que será. E muito mais coisas de maldades que poderia inumerar, por não ser um lambe-botas, porque o êxito não se faz disso, nem sequer a natureza humana se faz disso...

# 125.

Mais discussão. Desta vez foi com o meu irmão. A minha mãe já não quer que eu vá a Riachos, nem que seja para passar o fim de semana. O meu pai anda por lá enervado e está-me com pó. No fim de contas, queria que eu tivesse sido diferente, que tivesse um emprego de sucesso, casado, tivesse carros e posição. Mas eu não sou assim. No final de contas, o bode expiatório sou eu. Por pensar, ou coisa do género. Por fumar. Por beber cerveja sem álcool. Tudo por causa de dez euros por dia. O meu irmão só me nota defeitos, a minha irmã também, eu também lhes noto defeitos. E não é sómente devido à ajuda que tenho deles. Sempre foi assim, sempre fui ensanduichado pelos dois. Deram-me migalhas e eu fiz filosofia, literatura, com isso. Podia ser como a maioria, andar rendido, absorto utilmente, mas não, sou como sou. E não sou preguiçoso, tenho o meu ritmo. Agora cai-me tudo em cima. E ainda dizem que fui eu que alimentei esta situação. Para me prejudicar? Não creio.

# 126.

A independência de espírito causa-te muitos disssabores. Ficas sem amigos, sem ninguém com quem falar. Elas afastam-se porque a mulheres é por natureza interesseira. Todos os humanos são governados pelo interesse, de uma maneira ou de outra. Se concordasses com os outros em tudo e andassem pedinchando, lambendo botas, sendo amiguinho e tendo amiguinhos, o caminho, o teu caminho, não faria sentido. Porque, de uma maneira ou de outra, todos queremos salvar a pele, fazer as coisas, boas ou más e salvar a pele. Sonho com o dia em que poderei continuar a escrever sem as limitações que tenho em sobreviver. Mas, esou desalentado. Depois de tudo por que passei, ainda me mandam trabalhar. È de gozar com a situação. O que vale é que eu não levo a coisa muito a sério, com as doenças dos outros posso eu bem. Nisto tudo, estou sózinho, não sinto nenhum tipo de solidariedade pelo que tenho feito, antes pelo contrário.

# 127.

Não bastava o barulho que havia feito e agora impedia-me de ir a Riachos. Com isto, o livro e a vida contida nele estavam quase fechados. Como muita outra coisa. E eu sentia que as pessoas de lá me tinham animosidade. Em Lisboa, não falava com ninguém. Mas tinha de por lá ficar, pelo menos até as coisas arrefecerem, mas não iriam nunca arrefecer, não sabia porquê. O meu pai nunca gostara verdadeiramente de mim, a não ser para ser um boneco na sua vontade, no contexto de um certo estilo de vida. Não me podia ver parado. Muito menos entendia o que é pensar, o que é filosofia ou letras, ou ciência social. Para ele, a vida era outra coisa, como para quem morava em Riachos. Não adiantava mudar isso. Mas eu tinha ainda quem gostasse de mim, eu sabia. Numa aldeia tão pequena, tanta inveja concentrada. Mas Lisboa não era melhor, sobretudo as pessoas de Lisboa. Ele pertencia ao clube daqueles para quem a actividade intelectual é ócio. E a culpa era de grande parte dos intelectuais, não só os portugueses...

Ira à Baixa, ao Saldanha, à Expo, ao aeroporto, ir a esses lugares era tudo o que eu podia fazer para distrair, para não encarar a solidão. Enervava-me e estava uma pilha de nervos e tudo o que podia fazer era folhear uns livros, estar no computador, ver frustrantemente TV...

# 128.

Como se me quisessem castigar, por dizer o que penso no papel, por pensar... Talvez, a esta altura, precisasse de tratamento psiquiátrico, compreensão em vez de ofensas. Será que a minha mãe ainda sentia alguma coisa por mim? Ao rejeitar que eu fosse a Riachos, creio que não sentisse grande coisa, talvez um pouco lá no fundo, pois também ela estava doente. Estou como se estivesse preso. Posso sair à rua, fazer o que quiser, mas dentro de um certo limite. A casa cheia de fumo, ainda uma casa nova. E aqui termina esta obra, gostava de ir até às 190, como é costume na maioria dos meus livros, mas acho que me vou ficar por aqui. Essencialmente, porque, tanto neste livro quanto nas minhas investigações etno-filosóficas, Riachos saiu do mapa, foi varrido da minha consciência e imaginação. Porque o meu pai pôs-me fora de casa, e a minha mãe não quer que eu vá lá mais. Portanto, mesmo que eu quisesse ir lá, não podia. Não vale a pena. E fica assim também esclarecido o que era parecido com a situação em que se viu envolvido Domingas: ele queria estar lá, mas os pais queriam que ele ficasse em Lisboa, se desenvencilhasse, eu queria as duas coisas, andar lá e cá (Lisboa). Pois, tenho agora de ficar por cá. E quanto mais ligo aos meus irmãos, à minha mãe, é pior. Acham que sou preguiçoso, que não me quero desenrascar. Pois eu estou numa situação em Lisboa em que não tenho amigos ou apoios, os sintomas da doença agravaram-se, mesmo que beba pouco ou nada... Não sei o que será, nestas movimentações ínfimas do Ser...